

2 TIMÓTEO

ÍNDICE

2 TIMOTHY

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The Second Letter to Timothy

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE

Prefácio

Introdução Geral

Introdução às Cartas Paulinas

Introdução às Cartas Pastorais

Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4

PREFÁCIO A 1 TIMÓTEO, 2 TIMÓTEO, TITO E FILEMOM

Devo começar este Prefácio como tive que fazê-lo com todos os desta série de livros, expressando minha sincera gratidão à Junta de Publicações da Igreja da Escócia por me permitir, em primeiro lugar, começar com esta série de estudos e logo continuar com elas. Faltam-me palavras para agradecer em especial ao Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., D.D., convocador da Junta, e ao Rev. A. McCosh, M.A., S.T.M., encarregado de publicações, por sua paciência e alento constantes.

Este volume tem como fim comentar a Primeira e Segunda Epístolas de Timóteo e a de Tito, que são conhecidas geralmente como *Epístolas Pastorais*, e a única carta pertencente à correspondência privada de Paulo que se encontrou, dirigida a Filemom.

As Epístolas Pastorais foram infelizmente menosprezadas pelos leitores comuns da Bíblia. Mas são de grande interesse, devido ao fato de que nenhuma outra Carta no Novo Testamento nos dá uma imagem tão vívida da Igreja em crescimento. Nelas vemos os problemas de uma Igreja que é uma pequena ilha de cristianismo num mar de paganismo; e também vemos, como em nenhum outro lugar, os primeiros começos de seu ministério. Estas Cartas são interessantes por si mesmas, e quanto mais as estudamos, mais atrativas são. Foram descritas como sub-apostólicas, falou-se delas como a segunda geração do cristianismo, ou até dizer que estão por debaixo do nível das Cartas escritas durante o emocionante começo da Igreja. Mas o fato é que justamente por terem

sido escritas quando a Igreja se estava convertendo numa instituição, falamos mais diretamente à nossa situação e condição.

As Epístolas Pastorais foram afortunadas em seus Comentários. Existem vários volumes de importância realizados sobre o texto em grego. O de Walter Lock em el *International Critical Commentary* é um monumento de erudição inteligente e sóbria. O escrito por Sir Robert Falconer é-o menos, mas muito iluminado e comprimido numa extensão menor. O recente Comentário de E. K. Simpson está escrito com energia e com um domínio do vocabulário grego helenista que lhe assegurará um lugar entre os grandes Comentários. O trabalho realizado por P. N. Harrison representa toda uma vida de dedicação, e nenhum é melhor se quer examinar a linguagem das Cartas. Com respeito ao texto em inglês não se pode desprezar o velho Comentário de A. E. Humphreys na Bíblia de Cambridge. O Comentário bastante recente de B. S. Easton é excelente, em especial no que respeita ao significado das palavras. O realizado por E. F. Brown no *Westminster Commentary* é um volume único. Tem-se dito sempre que as Epístolas Pastorais são as mais úteis para o missionário moderno, devido ao fato de que descrevem a mesma situação das Igrejas jovens de hoje. E. F. Brown foi por muitos anos missionário na Índia, e várias vezes refere-se a paralelos modernos muito interessantes e adaptados às situações das Pastorais. De todos estes Comentários é o mais útil para o pregador. O volume escrito por E. F. Scott no *Moffatt Commentary* é muito útil.

Para mim as Epístolas Pastorais foram, ao menos até certo ponto, uma nova descoberta. Trabalhar nelas foi uma experiência absorvente; e oro para que este livro faça algo por reviver naqueles que o leiam os problemas e heroísmo da Igreja primitiva.

Como já dissemos, Filemom é a única Carta pessoal de Paulo que ficou. Apesar de ser uma Carta muito breve, foi bendita em seus Comentários. Quase sempre a incluí em Comentários com Cartas mais longas. No caso de J. B. Lightfoot, ele a incluí com Colossenses. No *International Critical Commentary* está incluída com Filipenses, e é

escrita por M. R. Vincent. No *Moffatt Commentary* está incluída com Colossenses e Efésios, e o comentarista é E. F. Scott. No Novo Testamento Grego de Cambridge está incluída com o comentário de C. F. D. Moule de Colossenses. Em todos os casos o encanto e beleza desta Carta obteve o melhor de seus comentaristas.

A obra de E. J. Goodspeed baseado em Filemom é de uma importância especial, e a pode encontrar em seu *Introducción al Nuevo Testamento*. Suas conclusões foram estudadas e seguidas pelo C. L. Mitten. Também é importante *Philemon among the Letters of Paul*, por John Knox.

Tão curta como é, não há nenhuma outra Carta no Novo Testamento que como Filemom nos leve tão perto do coração de Paulo.

É minha esperança que por meio do estudo destas Cartas possamos obter uma nova visão da Igreja e uma nova perspectiva da mente e o coração de Paulo.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
maio de 1956.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro

tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando lemos as cartas de Paulo freqüentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação

dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas. Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. Logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem —três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho de Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente

Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

A situação imediata

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve: "Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não pressentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

A palavra falada

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: "A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho." Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS PASTORAIS

Cartas pessoais

1 e 2 Timóteo e Tito se consideraram sempre um grupo separado de Cartas, distintas das outras Epístolas de Paulo. A razão mais óbvia é que só elas, junto com a pequena Carta a Filemom, estão dirigidas a *pessoas*, enquanto que o resto das Cartas paulinas o estão a *Igrejas*. O Cânon Muratoriano, que foi a primeira preparada oficial dos livros do Novo Testamento, diz que foram escritas "como expressão do sentimento e afeto pessoal". São Cartas privadas mais que públicas.

Cartas eclesiásticas

Mas logo se começou a ver, que apesar de que à primeira vista são Cartas pessoais e privadas, têm um significado e uma importância que vão mais além da mera referência pessoal. Em 1 Timóteo 3:15 destaca-se o fim destas Cartas. São dirigidas a Timóteo para que "se eu tardar,

fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade”. Estas Cartas foram escritas para assinalar a conduta própria daqueles que vivem na casa de Deus. De modo que, então, compreendeu-se que estas Cartas não só têm um significado pessoal, mas também têm o que se poderia chamar um significado *eclesiástico*. Assim, pois, o Cânon Muratoriano diz referindo-se a elas, que apesar de serem Cartas pessoais, escritas com afeto pessoal, "são ainda consideradas com respeito pela Igreja Católica, e na confecção da disciplina eclesiástica". Tertuliano disse que Paulo escreveu: "Duas cartas a Timóteo e uma a Tito, com *respeito ao estado da Igreja (de ecclesiastico statu)*". Não nos surpreende então que o primeiro nome que se lhes desse fora o de *Cartas Pontifícias*. Este tipo de cartas estão escritas pelo *pontifex*, o sacerdote, aquele que controla a Igreja.

Cartas pastorais

Mas pouco a pouco começaram a adquirir o nome pelo qual ainda são conhecidas — *As Epístolas Pastorais*. São Tomás de Aquino em 1274, escrevendo a respeito de 1 Timóteo disse: "Esta carta é como se fosse uma *regra pastoral* que o Apóstolo deu a Timóteo." Em sua Introdução à segunda Carta, escreve: "Na primeira Carta dá a Timóteo instruções sobre o ordem eclesiástica; na segunda refere-se ao *cuidado pastoral* que deve ser tão grande para estar dispostos a aceitar o martírio pelo cuidado do rebanho. Mas esta designação realmente se afirmou a partir do ano 1726, quando um grande erudito chamado Paul Anton deu uma série de conferências famosas a respeito delas, as quais chamou Epístolas Pastorais.

Estas Cartas, pois, referem-se ao cuidado e organização da Igreja e do rebanho de Deus; dizem aos homens como devem comportar-se na comunidade de Deus; instrui-lhes a respeito de como administrá-la,

como devem ser os líderes e pastores, e como enfrentar as ameaças que põem em perigo a pureza da fé e a vida cristãs.

A Igreja em crescimento

O interesse principal destas Cartas está em que nelas achamos um quadro da Igreja nascente como em nenhum outro lugar. Nessa época a Igreja era uma ilha num mar de paganismo. As mais perigosas infecções a ameaçavam por todos os lados. Seus integrantes estavam a um passo de sua origem e antecedentes pagãos. Teria sido muito fácil para eles escorregar e reincidir no estilo de vida pagão do qual provinham. Uma atmosfera poluente os rodeava. Algo muito interessante e significativo é que os missionários nos dizem que de todas as Cartas as Epístolas Pastorais falam mais diretamente à situação das Igrejas jovens. A situação que se expõe nestas Cartas se revalida diariamente na Índia, na África e na China. Estas Cartas não podem perder nunca seu interesse porque nelas vemos, como em nenhum outro lugar, os problemas que continuamente acossam a Igreja em crescimento.

Antecedentes eclesiásticos das Pastorais

Mas desde o princípio estas Cartas apresentaram problemas para os estudiosos do Novo Testamento. Muitos têm sentido que, tal como estão, não podem proceder diretamente da mão e da pena de Paulo. Este sentimento não é novo e pode comprovar do fato que Marcion, quem, apesar de ser herege, e ser primeiro em fazer uma lista dos livros do Novo Testamento, não as incluiu entre as Cartas de Paulo. Vejamos o que é o que faz duvidar de que provenham diretamente da mão de Paulo.

Nestas Cartas nos confrontamos com a imagem de uma Igreja que conta com uma organização eclesiástica bastante desenvolvida. Há *anciãos* (1 Timóteo 5:1, 17-19; Tito 1:5-7); há *bispos*, ou superintendentes ou supervisores (1 Timóteo 3:1-7; Tito 1:7-16); há

diáconos (1 Timóteo 3:8-13). Lendo 1 Timóteo 5:17-18 nos inteiramos de que nessa época os presbíteros eram funcionários assalariados. Os anciãos que dirigiam bem deviam ser tidos em conta para lhes pagar um salário dobrado, como teria que traduzir-se, e se insiste a Igreja a lembrar que todo trabalhador merece seu pagamento. Vê-se ao menos o começo da ordem das viúvas que chegou a ser tão importante mais adiante na Igreja primitiva (1 Timóteo 5:2-16). Existe claramente dentro da Igreja uma estrutura bastante elaborada, que para alguns é muito para pertencer aos primeiros tempos em que Paulo viveu e trabalhou. Pareceria como se a Igreja tivesse dado os primeiros passos para chegar a ser a instituição altamente organizada que foi mais tarde e que é hoje.

O período dos credos

Até diz-se que nestas Cartas podemos ver o surgimento do período dos credos. A palavra *fé* mudou seu significado. Nos primeiros tempos, nas Cartas mais importantes de Paulo, fé sempre quis dizer *fé numa pessoa*; é a união pessoal mais íntima possível em amor, confiança, obediência com relação a Jesus Cristo. Mais tarde se converteu *em fé num credo*; chegou a ser a aceitação de certas doutrinas. Diz-se que nas Epístolas Pastorais podemos ver o surgimento desta mudança. Mais adiante virão homens que se separarão da fé e darão lugar às doutrinas de *demônios* (1 Timóteo 4:1).

Um bom servo de Jesus Cristo deve alimentar-se com as palavras da *fé e da boa doutrina* (1 Timóteo 4:6). Os hereges são homens de mentes corruptas réprobas quanto à *fé* (2 Timóteo 3:8). A tarefa de Tito é a de repreender os homens para que sejam *sãos na fé* (Tito 1:13). Isto se nota especialmente numa expressão que é peculiar às Pastorais. Timóteo vê-se obrigado a reter "o bom depósito que habita em nós" (2 Timóteo 1:14). A palavra *paratheke* que é utilizada nesta passagem significa *depósito*, no sentido de um depósito que se confiou a um banqueiro ou a alguém para que o guarde. É algo que, característica e essencialmente,

foi confiado e que deve ser devolvido ou entregue absolutamente inalterado. O que quer dizer que se acentua a *ortodoxia*. Em lugar de ser uma relação próxima e pessoal com Jesus Cristo, como o era nos emocionantes e vibrantes dias da Igreja primitiva, a fé se converteu na aceitação de um credo ortodoxo. Ainda se sustenta que nas Pastorais nos encontramos com os ecos e fragmentos dos credos mais primitivos:

“Deus foi manifestado em corpo,
Justificado no Espírito,
Visto pelos anjos,
Pregado entre as nações,
Crido no mundo,
Recebido na glória.”
(1 Timóteo 3:16, NVI).

Isto indubitavelmente parece um fragmento de um credo para ser recitado e repetido.

“Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho” (2 Timóteo 2:8). Isto parece lembrar uma oração de um credo aceito.

Dentro das Pastorais indubitavelmente há indicações de que começaram os dias da insistência na ortodoxia e na aceitação de credos, e que começaram a murchar-se os dias da primeira emocionante descoberta pessoal de Cristo.

Uma heresia perigosa

É evidente que no primeiro plano da situação em que se escreveram as Pastorais havia uma perigosa heresia que estava ameaçando o bem-estar da Igreja cristã. Se podemos distinguir os distintos rasgos característicos dessa heresia, poderemos chegar a identificá-la.

Caracterizava-se por um *intelectualismo especulativo*. Questionava (1 Timóteo 1:4); os que estavam envolvidos deliravam a respeito de questões (1 Timóteo 6:4); tinha a ver com questões néscias e insensatas

(2 Timóteo 2:23); deviam-se evitar estas questões (Tito 3:9). A palavra que em todos os casos se usa para *questões* é *ekzetesis*, que significa *discussão especulativa*. Esta heresia era obviamente o campo dos jogos intelectuais, ou melhor dizendo, os pseudo-intelectuais da Igreja.

Outra característica era *a vaidade*. O herege é vaidoso, apesar de que na realidade não sabe nada (1 Timóteo 6:4). Existem indicações de que estes intelectuais se localizavam num plano acima dos cristãos comuns; na verdade, poderiam ter dito que a salvação total estava fora do alcance do homem comum e só aberta para eles. Há momentos em que as Epístolas Pastorais sublinham a palavra *todos* de uma maneira muito significativa. A graça de Deus, que traz salvação, manifestou-se a *todos* os homens (Tito 2:11). A vontade de Deus é que *todos* se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (1 Timóteo 2:4). Os intelectuais tratavam de que as maiores bênçãos do cristianismo fossem possessão exclusiva de uns poucos escolhidos; e, em contradição a essa exclusividade, a verdadeira fé dá ênfase ao amor de Deus que abrange tudo.

Dentro dessa heresia havia duas tendências opostas. Havia uma tendência ao *ascetismo*. Os hereges tentavam estabelecer leis especiais com respeito às comidas, esquecendo que tudo o que Deus criou é bom (1 Timóteo 4:4-5). Enumeravam muitas coisas que consideravam impuras, esquecendo-se de que para os puros todas as coisas são puras (Tito 1:15). Não é totalmente impossível que considerassem o sexo como algo sujo e que desprezassem o casamento, e até tentassem persuadir os que estavam casados a renunciarem a ele, porque em Tito 2:4 se afirma que os deveres singelos da vida conjugal estão vinculados ao cristão.

Mas também é evidente que esta heresia terminava na *imoralidade*. Os hereges até invadiam as casas e induziam a mulheres fracas e insensatas à concupiscência e aos desejos carnis (2 Timóteo 3:6). Caracterizavam-se pela luxúria (2 Timóteo 4:3). Professavam conhecer a Deus, mas eles próprios eram abomináveis (Tito 1:16). Estes hereges saíam para impor-se às pessoas, trabalhar para seu próprio proveito e

fazer dinheiro com seus falsos ensinamentos. Para eles, obter lucros tinha a ver com a piedade (1 Timóteo 6:5); e ensinavam e enganavam para conseguir um lucro sujo (Tito 1:11). Por um lado esta heresia dava lugar a um ascetismo que não era cristão e por outro, produzia uma imoralidade que tampouco o era.

Esta heresia estava caracterizada por *palavras, lendas e genealogias*. Estava cheia de conversas vãs e de argumentos inúteis (1 Timóteo 6:20). Produzia genealogias intermináveis (1 Timóteo 1:4; Tito 3:9). Também mitos e fábulas (1 Timóteo 1:4; Tito 1:14).

Em alguns aspectos e até certo ponto estava vinculada com o *legalismo judeu*. Entre seus devotos estavam os que pertenciam à circuncisão (Tito 1:10). A finalidade dos hereges era o ser mestre da Lei (1 Timóteo 1:7). Inculcavam às pessoas fábulas judias e mandamentos de homens (Tito 1:14).

Finalmente, estes hereges negavam *a ressurreição do corpo*. Diziam que qualquer ressurreição que o homem fosse experimentar já tinha sido efetuada com antecedência (2 Timóteo 2:18). Esta provavelmente seja uma referência aos que sustentavam que não existia a ressurreição do corpo, e que o cristão experimentava uma ressurreição espiritual na experiência do batismo, quando morria com Cristo e ressuscitava novamente com Ele (Romanos 6:4).

Os primórdios do gnosticismo

Existe então alguma heresia que abranja todo este material? Sim, e seu nome foi *gnosticismo*. Seu pensamento básico é que tudo é essencialmente mau e que só o espírito é bom. Esta crença tinha diversas conseqüências.

O gnóstico cria que a matéria é tão eterna como Deus; e que quando Deus criou o mundo, teve que utilizar essa matéria essencialmente má. Isto teve conseqüências muito importantes para o pensamento. Significava que para eles Deus não era nem podia ser o criador direto do

mundo. Para tocar essa matéria imperfeita tinha enviado uma série de emanções — que chamavam éons — cada vez mais afastadas do, até que no final obteve uma emanção ou éon tão distante que pôde manipular a matéria e criar o mundo. De modo que entre Deus e o homem se estendia uma escada e uma série de emanções. Cada uma delas tinha seu nome e sua genealogia. Assim, pois, o gnosticismo contava literalmente com intermináveis fábulas e genealogias. Se o homem queria chegar alguma vez a Deus tinha que subir por essa escada de emanções; e para obtê-lo necessitava um conhecimento especial que incluía toda classe de contra-senhas para poder passar cada degrau. Só uma pessoa de alto calibre intelectual podia ter esperança de adquirir esse conhecimento, conhecer as contra-senhas e chegar dessa maneira a Deus. A pessoa comum nunca podia escalar mais além dos degraus mais baixos do caminho em direção a Deus. Estava atada à Terra, e só o intelectual podia dominar essas especulações e adquirir o conhecimento e chegar a Deus.

O que é pior, se a matéria era má em sua totalidade, então o corpo também o era. Disso surgem duas possíveis conseqüências opostas. Ou o corpo deve ser combatido, submetido, desprezado, tido em menos, o que resultava num ascetismo rigoroso, no qual se eliminavam dentro do possível todas as necessidades corporais, e se destruíam no possível todos os instintos, em especial o instinto sexual; ou, se o corpo for totalmente mau, podia-se sustentar que não importava o que se fizesse com ele; portanto seus instintos, desejos e luxúria podiam fartar-se e saciar-se e libertar-se, porque o corpo não tinha importância. O gnóstico portanto, convertia-se ou num asceta, ou num homem para quem a moral deixava de ter significação.

E mais ainda, se o corpo for mau, então evidentemente não pode haver tal coisa como a ressurreição do corpo. Os gnósticos esperavam a destruição do corpo e não sua ressurreição.

É evidente que isto encaixa acertadamente na situação das Epístolas Pastorais. No gnosticismo vemos o intelectualismo, a soberba intelectual,

as fábulas e as genealogias, o ascetismo e a imoralidade, a negativa de contemplar a possibilidade de uma ressurreição corporal, que são todos elementos da heresia contra a qual foram escritas as Epístolas Pastorais.

Falta localizar um só elemento desta heresia: o judaísmo e o legalismo de que falam estas Cartas. Mas isso também encontrou seu lugar. Algumas vezes o gnosticismo e o judaísmo davam-se as mãos, e conformavam o que se poderia chamar uma aliança profana. Já assinalamos que os gnósticos insistiam em que para ascender a escada até Deus era preciso um conhecimento muito especial; e que alguns deles sustentavam que para levar uma boa vida era essencial um ascetismo estrito. Alguns judeus proclamavam que precisamente a Lei judia e suas normas sobre os mantimentos proviam esse conhecimento especial e esse necessário ascetismo; de modo que houve momentos em que o judaísmo e o gnosticismo iam de mãos dadas.

É evidente que a heresia que está no pano de fundo das Epístolas Pastorais é o gnosticismo. E há alguns que utilizaram este mesmo fato para tentar provar que Paulo não pôde havê-las escrito, porque, dizem, o gnosticismo não apareceu até muito mais tarde. É bem verdade que os grandes sistemas formais desta crença, conectados com nomes como Valentin e Basilides, não surgiram até o século II; mas estas grandes figuras só sistematizaram o que já existia. As idéias básicas estavam na atmosfera que rodeava a Igreja primitiva, já nos dias de Paulo. É fácil ver seu atrativo, e também é fácil ver que, se tivessem tido a oportunidade de florescer e desenvolver-se sem vigilância, poderiam ter transformado o cristianismo numa filosofia especulativa e destroçado a religião cristã. É fácil ver que ao enfrentar o gnosticismo a Igreja estava enfrentando um dos maiores perigos que ameaçaram a fé cristã.

A linguagem das Pastorais

Mas o argumento mais poderoso contra a origem paulina, vindo direto das Pastorais, é um fato que aparece muito claro na versão grega,

mas não nas traduções. O número total de palavras nelas é de 902, das quais 54 são nomes próprios; e destas 902 palavras não menos de 306 nunca aparecem em outras Cartas de Paulo. Isto seria 36 por cento, ou seja que mais de um terço de seu vocabulário está totalmente ausente do que aparece nas outras Cartas de Paulo. O que é pior, 175 palavras destas Epístolas não aparecem em nenhuma outra parte do Novo Testamento. Por outro lado, é justo dizer que nas Epístolas Pastorais há 50 palavras que aparecem nas outras Cartas de Paulo, mas em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Além disso, é certo que quando as outras Cartas de Paulo e as Pastorais dizem a mesma coisa o fazem de diferente maneira, utilizando palavras e expressões distintas para expressar a mesma idéia.

Também muitas das palavras favoritas de Paulo estão ausentes por completo das Pastorais. A palavra *stauros* (cruz) e *stauroun* (crucificar) aparecem 27 vezes nas outras Cartas de Paulo, e nunca nas Pastorais. *Eleutheria* e as palavras afins que têm que ver com *liberdade* aparecem 29 vezes nas outras Cartas de Paulo, e nunca nas Pastorais. *Huios*, que significa *filho*, e *huiiothesia*, que significa *adoção*, aparecem 46 vezes nas outras Cartas e nunca nestas.

Mais ainda, o grego é um idioma que tem muitas pequenas palavras chamadas *partículas* e *enclíticas*. Algumas vezes indicam um tom de voz. Todas as orações gregas estão unidas à oração que as precede, e estas pequenas palavras intraduzíveis são as uniões. Dessas partículas, enclíticos, preposições e pronomes, aparecem 112 nas outras Cartas de Paulo, que as utiliza um total de 932 vezes, mas não aparecem nunca nas Pastorais.

Claramente aqui há algo que deve ser explicado. Devido à força do vocabulário e ao estilo, encontramos difícil crer que Paulo escreveu as Epístolas Pastorais no mesmo sentido em que escreveu suas outras Cartas.

A atividade de Paulo nas Pastorais

Mas talvez a dificuldade mais óbvia é que estas Cartas mostram a Paulo ocupado em atividades que não têm capacidade em sua vida tal como a conhecemos através do livro dos Atos. Claramente conduziu uma missão a Creta (Tito 1:5). E se propõe passar um inverno em Nicópolis que está no Epiro (Tito 3:12). É claro que na vida de Paulo tal como a conhecemos não há capacidade para esta missão e este inverno. Mas bem pode ser que justamente aqui tenhamos tropeçado com a solução do problema.

Libertou-se a Paulo de seu encarceramento em Roma?

Façamos uma pausa para resumir. Vimos que a organização da Igreja nas Pastorais é mais elaborada que em qualquer outra das Cartas de Paulo. Vimos que a ênfase na ortodoxia e em guardar o que se nos deu em custódia pareceria pertencer a uma segunda ou terceira geração de cristãos, quando a emoção da nova descoberta está desaparecendo, e quando a Igreja está a caminho de transformar-se numa instituição. Vemos que Paulo é descrito levando a cabo missões que não têm capacidade no esquema de sua vida que conhecemos através de *Atos*. Mas o estranho a respeito deste último livro é que deixa nas trevas tudo o que aconteceu a Paulo em Roma. Termina dizendo que Paulo viveu por dois anos numa espécie de semi-cativeiro pregando o evangelho abertamente e sem impedimento (Atos 28:30-31). Mas *Atos* não nos diz como terminou seu cativeiro, se terminou com a soltura de Paulo ou se foi condenado e executado. É certo que a crença geral é que terminou com sua morte, mas existe uma corrente de tradição, que não se pode desprezar, que nos diz que terminou com sua libertação que durou por dois ou três anos mais, voltando a ser encarcerado e executado finalmente em torno do ano 67 d.C.

Consideremos esta questão, porque é de grande interesse. Não poderemos chegar a uma resposta segura, mas ao menos podemos investigar — ainda que fiquemos com a incógnita.

Em primeiro lugar, é evidente que quando Paulo estava detento em Roma não considerava impossível sua soltura; em realidade pareceria como se a esperasse. Quando escreve aos filipenses do cárcere, diz-lhes que nesse momento envia a Timóteo, e logo continua: “E estou persuadido no Senhor de que também eu mesmo, brevemente, irei” (Filipenses 2:24). Quando escreveu a Filemom, enviando de volta o Onésimo, diz: “E, ao mesmo tempo, prepara-me também pousada, pois espero que, por vossas orações, vos serei restituído” (Filemom 22). Claramente Paulo estava preparado para ser libertado, quer o tenha sido quer não.

Em segundo lugar, lembremos um plano que Paulo tinha muito perto de seu coração. Antes de ir a Jerusalém na viagem em que foi detido, escreveu à Igreja de Roma, e nessa Carta estava planejando uma visita a Espanha. Escreve: “Quando em viagem para a Espanha, pois espero que, de passagem, estarei convosco...”, “...passando por vós, irei à Espanha” (Romanos 15:24,28). Nesse momento projetava visitar a Espanha e de passagem ir a Roma. Realizou alguma vez esta visita?

Clemente de Roma, quando escreveu à Igreja de Corinto em cerca do ano 90 d.C, disse que Paulo tinha pregado o evangelho no Este e no Oeste; que tinha instruído a todo mundo (o Império romano) na verdade; e que foi à extremidade (*terma*, o término) do Ocidente antes de seu martírio. O que quis dizer Clemente ao referir-se à *extremidade do Ocidente*? *Clemente escrevia de Roma*, e para qualquer pessoa nessa cidade a *extremidade do Ocidente* não podia ser mais que a Espanha. Certamente parece que Clemente cria que Paulo tinha chegado a Espanha.

O maior de todos os historiadores primitivos da Igreja foi Eusébio. Em seu relato da vida de Paulo escreve: "Lucas, que escreveu os Atos dos Apóstolos, terminou sua história dizendo que Paulo viveu dois anos

completos em Roma como prisioneiro, e que pregou a palavra de Deus sem impedimentos. Então, depois de ter feito sua defesa, diz-se que o apóstolo saiu mais uma vez em seu ministério da pregação, e que ao voltar para a mesma cidade pela segunda vez, sofreu o martírio" (Eusébio, *História Eclesiástica* 2,22.2). Não diz nada a respeito da Espanha, mas conhece a história dá que Paulo tinha sido libertado de seu primeiro encarceramento em Roma.

O Cânon Muratoriano, a primeira lista dos Livros do Novo Testamento, descreve o plano de Lucas ao escrever os Atos: "Lucas relatou o Teófilo fatos dos quais ele foi testemunha ocular, como também, num lugar à parte, evidentemente declara o martírio de Pedro (provavelmente se refira a Lucas 22:31-33); mas omite a viagem de Paulo de Roma a Espanha." Evidentemente o Cânon Muratoriano conhecia esta viagem do apóstolo.

No século V dois dos grandes pais do cristianismo afirmam a existência da viagem de Paulo a Espanha. Crisóstomo em seu sermão sobre 2 Timóteo 4:20 diz: "São Paulo depois de sua estada em Roma partiu rumo a Espanha." São Jerônimo em seu *Catálogo de escritores* diz que Paulo "foi despedido por Nero para que pregasse o evangelho de Cristo no Ocidente".

Sem dúvida alguma existe uma corrente da tradição que sustenta que Paulo viajou a Espanha.

Este é um assunto sobre o qual teremos que tomar nossa própria decisão. O que nos faz duvidar da historicidade da viagem de Paulo a Espanha é que nesse país não há nem existiu nunca, tradição alguma de que Paulo trabalhasse, e pregasse ali; não existem histórias a respeito dele, nem lugares que tenham que ver com o seu nome. Seria realmente estranho que se tivesse apagado totalmente a lembrança dessa visita. Bem pode ter sido que toda a história a respeito da soltura e da viagem de Paulo ao ocidente surgisse simplesmente como uma dedução da intenção expressa por Paulo de visitar a Espanha em Romanos 15. Em termos gerais pode-se afirmar que a maioria dos estudiosos do Novo

Testamento não pensam que Paulo tenha sido liberto da prisão; o consenso geral opina que a única coisa que livrou a Paulo do cárcere foi a morte.

Paulo e as Epístolas Pastorais

O que podemos dizer então a respeito da conexão de Paulo com estas Cartas? Se podemos aceitar a tradição da libertação de Paulo, e seu retorno à pregação e ao ensino, e de sua morte ao redor do ano 67 d.C., então poderemos crer que as Cartas tal como são provêm de sua mão. Mas, se não cremos nisso — e as evidências são em quase sua totalidade contrárias — diremos então que as Epístolas Pastorais não têm nada que ver com Paulo? Devemos lembrar que o mundo antigo não pensava nestas coisas da mesma maneira que nós. Não veria nada de mal em que se enviasse uma carta utilizando o nome de um grande mestre, se estava seguro de que a carta dizia as mesmas coisas que esse mestre teria dito sob as circunstâncias contemporâneas. Era algo natural e possível que um discípulo escrevesse no nome de seu mestre. Ninguém, nem no mundo nem dentro da Igreja, teria visto mal que diante de uma nova e ameaçadora situação um discípulo de Paulo a enfrentasse escrevendo em seu nome. Pensar que é algo falsificado é não compreender absolutamente a mentalidade do mundo antigo. Acaso vamos, então, ir completamente ao outro extremo e dizer que algum discípulo de Paulo enviou esta Carta em seu nome muitos anos depois de sua morte, e num momento em que a Igreja estava muito mais organizada que durante a vida de Paulo?

A nosso entender, isso é precisamente o que não podemos dizer. É bastante incrível que um discípulo pusesse na boca de Paulo a afirmação de ser o primeiro dos pecadores (1 Timóteo 1:15). A tendência de um discípulo seria dar ênfase à santidade de Paulo, e não falar a respeito de seus pecados. Também é bastante incrível que qualquer que escrevesse no nome de Paulo desse a Timóteo o conselho simples e cotidiano de

beber um pouco de vinho por causa de sua saúde (1 Timóteo 5:23). O texto de 2 Timóteo 4 é tão pessoal e tão cheio de detalhes íntimos e carinhosos, que ninguém a não ser Paulo pôde havê-lo escrito.

Onde está a solução então? Bem pode ter sucedido algo como o seguinte. É óbvio que muitas das Cartas de Paulo se perderam. Evidentemente, além de suas importantes Cartas públicas, Paulo deve ter tido uma contínua correspondência privada e dela só possuímos uma Carta, a pequena Epístola a Filemom. Só ela escapou à destruição que é o destino de toda correspondência privada. Agora, pode ter acontecido que em tempos posteriores alguns fragmentos da correspondência de Paulo estivesse em mãos de algum mestre cristão. Este viu que a Igreja de seus dias e de sua localidade de Éfeso estava ameaçada por todos os lados. Havia heresias tanto dentro como fora dela. Ameaçava-a a queda de seu alto nível de pureza e verdade. Estava-se degenerando a qualidade de seus membros e de seus funcionários. Este mestre tinha em sua posse pequenas Cartas de Paulo que diziam exatamente as coisas que deviam ser ditas, mas, tal como estavam, eram muito breves e fragmentárias para ser publicadas. De modo que tomou e amplificou, dando-lhes uma significação suprema para sua própria situação e as enviou à Igreja.

Nas Epístolas Pastorais ainda estamos ouvindo a voz de Paulo, e muitas vezes a ouvimos falar com uma intimidade pessoal única, mas pensamos que a forma das Cartas deve-se a um mestre cristão que evocou a ajuda e o espírito de Paulo quando a Igreja de seus dias necessitava a guia que só Paulo poderia ter-lhe dado.

2 Timóteo 1

[A glória e o privilégio de um apóstolo - 1:1-7](#)

[A inspiração de Timóteo - 1:1-7 \(cont.\)](#)

[Um Evangelho pelo qual vale a pena sofrer - 1:8-11](#)

[Um Evangelho pelo qual vale a pena sofrer - 1:8-11 \(cont.\)](#)

[A confiança humana e divina - 1:12-14](#)

[A confiança humana e divina - 1:12-14 \(cont.\)](#)

A GLÓRIA E O PRIVILÉGIO DE UM APÓSTOLO

2 Timóteo 1:1-7

Ao Paulo falar de seu próprio apostolado há certas características inequívocas em sua voz. Para Paulo seu apostolado sempre significou determinadas coisas.

(a) Era uma *honra*. Tinha sido escolhido pela vontade de Deus. Todo cristão deve considerar-se a si mesmo como escolhido por Deus.

(b) Era uma *responsabilidade*. Deus o escolheu porque queria fazer algo com ele. Queria convertê-lo no agente e no instrumento por meio do qual chegassem aos homens as boas novas da nova vida. Nenhum cristão é escolhido para ser cristão para si mesmo; é escolhido pelo que pode fazer por outros. Um cristão é uma pessoa sumida no assombro, no amor e no louvor do que Deus fez por ele, e que está animado pelo desejo de contar a outros o que Deus pode fazer por eles.

(c) Seu apostolado era um *privilégio*. É muito significativo ver o que era que Paulo considerava seu dever para com outros. Paulo estava convencido de que devia anunciar a *promessa* de Deus através do mundo, e não sua *ameaça*. Para Paulo, o cristianismo não era uma ameaça de condenação; era as boas novas da salvação. Vale a pena lembrar que o evangelista e o missionário maior do mundo saiu, não aterrorizar os homens, agitando-os sobre as chamas do inferno, mas sim a movê-los a uma atônita submissão perante a vista do amor de Deus. A dinâmica do evangelho de Paulo era o amor, e não o medo.

Como sempre ao dirigir-se a Timóteo, na voz de Paulo está o calor de seu afeto e carinho. Chama-o "amado filho". Timóteo era o filho de Paulo na fé. Os pais de Timóteo lhe tinham dado sua vida física; mas era Paulo quem lhe tinha outorgado a vida eterna. Há alegria na paternidade física; mas também há alegria na paternidade espiritual. E há muitos mestres e muitos santos aos quais Deus nunca lhes deu o dom do filho

físico que têm a alegria e o privilégio de ser pais na fé. Não há prazer no mundo comparável à alegria de levar uma alma a Cristo.

A INSPIRAÇÃO DE TIMÓTEO

2 Timóteo 1:1-7 (continuação)

O objetivo de Paulo ao escrever é o de inspirar e fortalecer a Timóteo em sua tarefa em Éfeso. Timóteo era jovem, e tinha uma árdua tarefa lutando contra as heresias e as infecções que forçosamente ameaçariam e invadiriam a Igreja. Assim, pois, para manter altas sua coragem e seu esforço, Paulo o lembra de certas coisas.

(1) Lembra-o de sua própria fé e confiança nele. Não há maior inspiração que a de sentir que alguém crê em nós. Um chamado à honra sempre é mais efetivo que uma ameaça de castigo. O temor de desiludir àqueles que nos amam é um temor que limpa.

(2) Lembra-o de sua tradição familiar. Timóteo caminhava numa bela herança, e se fracassava, não só mancharia seu próprio nome, mas também diminuiria a honra de sua família também. Um dos maiores dons que pode ter um homem é um bom parentesco. Deve agradecer a Deus por ele, e nunca desonrá-lo.

(3) Lembra-o de ter sido apartado para o serviço e o dom que lhe foi conferido. Quando alguém entra em serviço de qualquer sociedade ou associação com uma tradição e uma história, tudo o que fizer não afetará só a ele; e tudo o que fizer não o fará por suas próprias forças. A força da tradição o levará adiante e deverá preservar a honra dessa tradição. Isto é especialmente certo com relação à Igreja. Aquele que serve a Igreja tem sua honra em suas mãos; aquele que o faz vê-se sustentado e fortalecido pela consciência da comunhão de todos os santos.

(4) Lembra a Timóteo das qualidades que devem caracterizar um mestre cristão. Estas qualidades, tal como via Paulo nesse momento são quatro.

(a) A *coragem*. O serviço cristão deve outorgar ao homem coragem e não medo covarde. É preciso coragem para ser cristão, e essa coragem provém da consciência contínua da presença de Cristo.

(b) O *poder*. O verdadeiro cristão tem o poder de fazer frente às coisas, de assumir as tarefas cansativas, de erguer-se frente a uma situação que é derrubada, de conservar a fé frente à tristeza que resseca a alma e a desilusão que fere. O cristão é caracteristicamente uma pessoa que pode confrontar o ponto limite, sem desmaiar.

(c) O *amor*. No caso de Timóteo trata-se do amor pelos irmãos, amor pela congregação do povo de Cristo sobre o qual foi posto. Precisamente é este amor o que dá ao pastor cristão suas outras qualidades. O pastor cristão deve amar tanto a seu povo que nunca encontre uma tarefa muito grande para fazer por eles. Deve amá-los tanto que nenhuma situação ameaçadora o desanime. Ninguém jamais teria que entrar no ministério da Igreja de Cristo a não ser que haja em seu coração amor pelo povo do Senhor.

(d) O *domínio próprio*. A palavra é *sofronismos*. Esta é uma dessas grandes palavras gregas intraduzíveis. Alguém a definiu como "sanidade da santidade". Falconer a define como "o domínio próprio perante o pânico ou a paixão. Só Cristo nos pode dar esse domínio próprio, essa auto-disciplina, esse autocontrole que nos preserva de ser arrastados ou de fugir. Nenhum homem poderá governar a outros a não ser que antes se dominou a si mesmo. *Sofronismos* é esse domínio próprio divinamente outorgado que faz com que uma pessoa seja uma grande autoridade sobre outros porque em primeiro lugar é um servo de Cristo e dono de si mesmo.

UM EVANGELHO PELO QUAL VALE A PENA SOFRER

2 Timóteo 1:8-11

É inevitável que a fidelidade ao evangelho traga problemas. Para Timóteo, a fidelidade ao evangelho e a Paulo significava fidelidade a um

homem que era considerado um criminoso, porque Paulo ao escrever estava detento em Roma. Mas aqui Paulo mostra o evangelho em toda sua glória, como algo pelo qual vale a pena sofrer. Algumas vezes por inferência e outras por afirmação direta Paulo obtém elementos para a glória do evangelho. Poucas passagens no Novo Testamento têm em si e atrás deles este sentido da pura grandeza do evangelho de Jesus Cristo.

(1) É o evangelho de *poder*. Qualquer sofrimento que envolva o evangelho deve ser suportado no poder de Deus. Para o mundo antigo o evangelho era o poder que permitia viver. Essa grande época em que Paulo escrevia era a grande época do suicídio. Os maiores pensadores da antigüidade eram os estóicos; eles tinham princípios elevados; mas encontravam seu próprio caminho de saída quando a vida era para ele intolerável. Tinham um ditado: "Deus deu a vida aos homens, mas também lhes deu o dom ainda mais grandioso que é o de poder tirar vida". O evangelho era, e é, poder – poder de conquistar ao eu, de dominar as circunstâncias, de poder continuar vivendo quando a vida é impossível, de ser cristão quando parece incrível poder sê-lo.

(2) É o evangelho da *salvação*. Deus é o Deus que nos salva. O evangelho é resgate. Resgata-nos do pecado. Liberta o homem daquelas coisas que o têm em seu poder; dá-lhe o poder de romper com os hábitos inquebrantáveis; de conquistar os pecados que se entreteceram na própria fibra da vida. O evangelho é essencialmente esse poder que resgata e que pode tornar bons aos maus.

(3) O evangelho é o chamado à *consagração*. Não é simplesmente um resgate das conseqüências e penalidades dos pecados passados. É um chamado a partir pelo caminho da santidade. O poder transformador do evangelho está mais além de todo argumento.

Em *The Bible in World Evangelism*, A. M. Chirgwin, cita dois casos surpreendentes do milagroso poder transformador de Cristo. Um bandoleiro de Nova Iorque, ex-sentenciado, tinha estado recentemente na prisão por roubo com violência. Ia a caminho de unir-se novamente ao seu velho bando com a perspectiva de tomar parte em outro roubo,

quando furtou algo do bolso de uma pessoa na Quinta Avenida. Dirigiu-se à *Central Park* para ver o que tinha furtado e descobriu com desgosto que tinha tirado do homem um Novo Testamento. Como tinha tempo livre antes de encontrar-se com seus companheiros de bando, começou ociosamente a folhear o livro e a ler. Logo estava submerso nele, e leu com tal efeito que umas poucas horas mais tarde chegou-se a seus companheiros e lhes disse abruptamente o que tinha estado fazendo e que rompia com eles para sempre. Para esse ex-sentenciado e bandoleiro o evangelho foi um chamado à santidade.

Havia em Alepo um jovem árabe que tinha discutido asperamente com um amigo. Disse a um evangelista cristão:

"Tinha tido a idéia de matá-lo. Odiava-o tanto que planejei minha vingança querendo chegar ao assassinato. Então, um dia me encontrei com você e você me induziu a comprar um exemplar de São Mateus. Só o fiz para agradar a você. Não tinha a intenção de lê-lo. Mas ao me deitar essa noite o livro caiu de meu bolso, e o levantei e comecei a lê-lo. Quando cheguei ao lugar que diz: 'Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás... Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo', lembrei o ódio que estava alimentando contra meu inimigo.

"Ao seguir lendo minha intranqüilidade cresceu até que cheguei às palavras: 'Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma'. Então me vi levado a gritar: "Deus, tenha misericórdia de mim, pecador". A alegria e a paz encheram meu coração e desapareceu meu ódio. Desde então sou um novo homem, e meu maior prazer é ler a palavra de Deus".

Foi o evangelho o que pôs o ex-sentenciado de Nova Iorque e o possível assassino de Alepo no caminho da santidade. Muito de nosso cristianismo de Igreja fracassa. Não muda às pessoas; e portanto não é cristianismo. O homem que conhece o poder salvador do evangelho é um homem mudado, em seus negócios, em seus prazeres, em seu lar, em seu temperamento, em sua personalidade. Deveria haver uma diferença

essencial entre o cristianismo e o não cristianismo, porque o cristianismo obedeceu o chamado a começar a andar pelo caminho da santidade.

UM EVANGELHO PELO QUAL VALE A PENA SOFRER

2 Timóteo 1:8-11 (continuação)

(4) O evangelho é o evangelho da *graça*. Não depende de nossos logros, e sim dos propósitos de Deus. Não é algo que tenhamos obtido, mas sim algo que aceitamos. Deus não nos chamou porque somos santos; chamou-nos para nos fazer santos. Se tivéssemos que ganhar, obter, merecer o evangelho e o amor de Deus, nossa situação seria irremediável e desesperada. O evangelho é o dom gratuito de Deus. Deus não nos ama porque mereçamos seu amor; ama-nos pela simples generosidade de seu coração.

(5) O evangelho é o evangelho do *eterno propósito de Deus*. Foi planejado e desenhado antes de que o mundo e o tempo existissem. Nunca devemos pensar que antes Deus foi lei severa e que desde a vida e morte de Jesus se converteu em amor perdoador. Desde o começo dos tempos o amor de Deus esteve buscando e procurando encontrar os homens, e Deus ofereceu sua graça e perdão. O amor é a própria essência da natureza e do ser eterno de Deus.

(6) O evangelho é o evangelho da *vida e a imortalidade*. Paulo está convencido de que Jesus Cristo trouxe à luz a vida e a imortalidade. O mundo antigo temia a morte; ou, se não, consideravam-na uma noite eterna durante a qual os homens deviam dormir para sempre; a morte era a extinção; no máximo o mundo antigo considerava a morte como a absorção do ser pelo ser de Deus. Mas a mensagem de Jesus dizia que a morte era o caminho à vida, e que longe de separar os homens de Deus, levava-os à sua viva presença.

(7) O evangelho é o evangelho do *serviço*. Era este evangelho o que fazia de Paulo um arauto, um apóstolo e um mestre na fé. Não era um evangelho que desse a Paulo o sentimento confortável de que agora sua

alma estava salva e não tinha que preocupar-se mais. Era um evangelho que punha sobre ele a iniludível tarefa de desgastar-se no serviço de Deus e de seus semelhantes. Este evangelho estabelecia três necessidades em Paulo.

(a) Fazia dele um *arauto*. A palavra grega é *kerux*. *Kerux* tem três significados principais, e cada um deles tem algo que sugerir a respeito do dever cristão. O *kerux* era um arauto que levava uma mensagem do rei. Era o emissário que levava as mensagens ou pedidos de trégua e paz entre dois exércitos em conflito. Era o homem que empregava um arremessador ou mercador para anunciar mercadorias e convidar as pessoas a aproximar-se e comprar. De modo que o cristão deve ser uma pessoa que leve a mensagem a seus semelhantes; deve ser a pessoa que conduza os homens à trégua e à paz com Deus; deve chamar seus semelhantes para que aceitem a rica oferta que Deus lhes está fazendo.

(b) Convertia-o num *apóstolo*. Um apóstolo, *apostolos*, é literalmente *alguém que é enviado*. A palavra pode significar *enviado* ou *embaixador*. O *apostolos* não falava por si mesmo, mas por Aquele que o enviava. O *apostolos* não vinha por autoridade própria; ele o fazia na autoridade daquele que o enviava. O cristão é um enviado, um embaixador de Cristo, que deve falar por Cristo, e representá-lo perante os homens.

(c) Fazia dele um *mestre*. Num verdadeiro sentido a tarefa do ensino de um cristão e da Igreja é a mais importante de todas. Certamente a tarefa de um mestre é muito mais dura que a de um evangelista. A tarefa do evangelista é chamar os homens, confrontá-los com a mensagem do amor de Deus. O homem pode responder a esse mandato num momento de emoção viva, num momento em que suas defesas se viram demolidas. Mas fica pela frente um longo caminho. Deve aprender o significado da conversão; a disciplina da vida cristã. Plantou-se a semente; mas deve chegar ainda o longo e lento processo de crescimento. Puseram-se os alicerces, mas ainda deve construir o edifício da vida cristã. A chama da evangelização deve ser continuada pelo brilho

firme do ensino cristão. Pode ser que haja aqueles que se afastam da Igreja, logo depois de sua primeira decisão, pela simples mas fundamental razão de que não foram instruídos na verdade e no significado da fé cristã. Arauto, embaixador, mestre: esta é a tríplice função do cristão que serve a seu Senhor e a sua Igreja.

(8) O evangelho é o evangelho de *Jesus Cristo*. Sem Ele não o teríamos conhecido nunca. Foi revelado completamente através da *aparicção* de nosso Senhor Jesus Cristo. A palavra que Paulo utiliza para dizer *aparicção* tem uma grande história. É a palavra *epifaneia*. Era uma palavra que os judeus utilizavam repetidamente para referir-se às grandes manifestações salvadoras de Deus nos terríveis dias das lutas dos macabeus, quando os inimigos de Israel buscavam deliberadamente eliminar a Deus.

Nos dias do sumo sacerdote Onias um tal Eliodoro deveu saquear o tesouro do templo de Jerusalém. Nem as orações nem as súplicas podiam evitar que levasse a cabo seu sacrilégio. E, segundo o relato, Eliodoro estava a ponto de pôr suas mãos sobre o tesouro, "quando o Soberano dos Espíritos e de Toda Potestade, manifestou-se em sua grandeza. . . pois lhes apareceu um cavalo montado por um cavaleiro terrível... que lançando-se com ímpeto levantou contra Eliodoro suas patas dianteiras... (Eliodoro) ao cair de repente por terra rodeado de densa escuridão..." (2 Macabeus 3:24-30).

Nunca saberemos o que aconteceu exatamente; mas na hora de necessidade de Israel se manifestou esta tremenda *epifaneia* de Deus. Quando Judas Macabeu e seu pequeno exército se viram confrontados com o poder de Nicanor, oraram: "Tu, Soberano, enviaste o teu anjo a Ezequias, rei do Judá, que deu morte a uns cento e oitenta e cinco mil homens do exército de Senaqueribe (ver 2 Reis 19:35-36); agora também Senhor dos céus, envia um anjo bom diante de nós para infundir o temor e o espanto. Que o poder de teu braço fira os que vieram blasfemando para atacar o teu povo santo!"

E logo a história prossegue: "Enquanto o povo de Nicanor avançava aos som de trombetas e cantos de guerra, os homens de Judas deram combate ao inimigo entre invocações e preces. Lutando com as mãos, mas orando a Deus em seu coração, abateram não menos de trinta e cinco mil homens, alegrando-se muito pela *epifaneia* de Deus" (2 Macabeus 15:22-27). Mais uma vez não sabemos o que aconteceu, mas mais uma vez Deus fez uma aparição grande e salvadora para seu povo. De modo que para o judeu a palavra *epifaneia* denotava a intervenção de Deus para resgatar e salvar.

Para os gregos esta era uma palavra igualmente grandiosa. chamava-se *epifaneia* à ascensão do imperador a seu trono. Era sua manifestação. Todo imperador chegava ao trono com grandes esperança; sua chegada era saudada como o amanhecer de um novo e precioso dia, de grandes bênçãos por vir.

O evangelho foi plenamente manifestado com a *epifaneia* de Jesus; e a mesma palavra mostra que Jesus era a grande intervenção e manifestação salvadora de Deus no mundo; e que a vinda de Jesus foi o começo de sua ascensão ao trono que finalmente seria o trono do Reino de Deus.

A CONFIANÇA HUMANA E DIVINA

2 Timóteo 1:12-14

Esta passagem utiliza uma palavra grega muito vívida num muito sugestivo duplo sentido. Paulo fala daquilo que ele confiou a Deus; e insiste com Timóteo a proteger a confiança que Deus depositou nele. Em ambos os casos a palavra em grego é *paratheke*. *Paratheke* significa *um depósito entregue sob a confiança de alguém*. Uma pessoa podia depositar algo com um amigo em que podia confiar; podia depositar algo para que fosse guardado para seus filhos e seus seres queridos; podia depositar suas riquezas num tempore para protegê-las, porque os templos eram os bancos e caixas de segurança do mundo antigo. Em cada caso

algo confiado e depositado era um *paratheke*. No mundo antigo não havia dever mais sagrado que o de proteger estes depósitos e devolvê-los quando os requeria.

Há uma famosa história grega que relata quão sagrada era esta confiança (*Heródoto* 6:89; Juvenal, *Sátiras*, 13:199-208). Os espartanos eram famosos por sua honra e honestidade estritas. Certo homem de Mileto foi a um tal Glauco de Esparta. Disse que tinha escutado relatórios tão grandiosos da honestidade dos espartanos que desejava depositar seu dinheiro em poder de Glauco, até que ele ou seus herdeiros o reclamassem novamente. entregavam-se e recebiam certos símbolos, e tarjas para identificar à verdadeira pessoa que reclamasse no momento de fazê-lo. Passaram os anos; morreu o homem de Mileto; seus filhos foram a Esparta ver Glauco, mostraram as tarjas que os identificavam, e pediram que lhes devolvessem o dinheiro depositado. Mas Glauco disse que não lembrava jamais ter recebido esse dinheiro. Os filhos de Mileto foram embora tristes; mas Glauco foi ao famoso oráculo do Delfos para ver o que devia fazer, se devia admitir tê-lo recebido ou se, como a lei grega lhe permitia fazê-lo, jurar que não sabia nada a respeito dele, porque os gregos aceitavam esse tipo de juramento como certo. O oráculo respondeu:

No presente seria melhor, oh Glauco, fazer o que desejas,
Jurar para prevalecer, e aproveitar o dinheiro
Jura então — a morte é o destino até daqueles que
nunca juraram falsamente.

Não obstante o deus do Juramento tem um filho que não tem
nome nem pés nem mãos;

De força poderosa, chega à vingança e some na destruição
a todos os que pertencem à raça ou à casa do homem
que cometeu perjúrio.

Mas os homens que mantêm seus juramentos deixam detrás
eles uma florescente descendência"

Glauco compreendeu; o oráculo estava dizendo-lhe que se desejava um lucro momentâneo, devia pagar o depósito; mas tal negocio

inevitavelmente lhe traria perdição eterna. Glauco rogou ao oráculo que perdoasse sua pergunta; mas a resposta foi que ter tentado ao deus era tão mau como ter cometido o fato. Mandou buscar os homens de Mileto e lhes devolveu o dinheiro.

Então Heródoto continua dizendo: "Glauco neste mundo não tem um único descendente; nem se conhece nenhuma família como dele; sua raiz e seus ramos foram tiradas de Esparta. É bom então quando se realizou uma promessa, nem sequer duvidar em pensamento a respeito de seu cumprimento." Para os gregos, algo confiado, um depósito, um *paratheke* era algo completamente sagrado.

Paulo diz que tem seu depósito em Deus. Quer dizer que confiou tanto sua tarefa como sua vida a Deus. Pareceria que foi cortado na metade de sua carreira. Terminar como um criminoso numa cárcere de Roma poderia parecer como se fosse desfeito todo o seu trabalho. Mas Paulo tinha semeado sua semente e pregado seu evangelho, e deixava o resultado nas mãos de Deus. Poderia parecer que este era o fim de Paulo; mas ele tinha confiado sua vida a Deus; e estava seguro de que na vida e na morte estava salvo.

Por que estava tão seguro? Porque sabia *em quem* tinha crido. Devemos notar e lembrar sempre que Paulo não diz que sabia *o que era* o que cria. A segurança de Paulo não provinha do conhecimento intelectual de um credo ou de uma teologia; provinha do conhecimento pessoal de Deus. Conhecia a Deus pessoalmente; conhecia-o intimamente; sabia como era Deus em amor e em poder; e para Paulo era incrível e inconcebível que Deus falhasse com ele ou o traísse. Se trabalhamos honestamente, se fizemos o melhor que podíamos fazer, não importa quão magros nos pareçam, podemos tomar essa tarefa e esse esforço e deixar o resultado e o êxito a Deus. Não importa se vivemos ou morremos, podemos confiar nossa vida a Deus. Com Ele a vida está a salvo neste ou em qualquer outro mundo, porque nada pode nos separar do amor de Deus em Jesus Cristo nosso Senhor.

A CONFIANÇA HUMANA E DIVINA**2 Timóteo 1:12-14 (continuação)**

Mas este assunto da confiança tem outra cara. Há outra *paratheke*. Paulo insiste com Timóteo a proteger e manter incorrupto o depósito que Deus lhe confiou. Não só temos nossa confiança em Deus: Deus também confia em nós. Não está longe do pensamento do Novo Testamento a idéia da dependência divina dos homens. Quando Deus quer que se faça algo, tem que encontrar o homem que o leve a cabo. Se Deus quiser que se ensine a um menino, que se leve uma mensagem, que se pregue um sermão, que encontre um afastado, que se console uma pessoa decaída, que se cure a um doente, tem que encontrar algum agente e algum instrumento para realizar sua tarefa.

A confiança que Deus tinha depositado particularmente em Timóteo era a de fiscalizar e edificar a Igreja. Se Timóteo verdadeiramente ia cumprir essa confiança tinha que fazer determinadas coisas.

(1) Tinha que manter *a forma das sãs palavras*. Isto quer dizer que devia vigiar a manutenção da crença cristã em toda sua pureza, e que as idéias falsas, equivocadas e errôneas não entrassem nela; que os grandes princípios da fé se mantivessem incorruptos. Isto não quer dizer que na Igreja cristã não deve haver pensamentos novos, idéias, desenvolvimentos na doutrina e a fé. Significa sim que há certas grandes verdades cristãs que devem preservar-se intactas. E pode ser que a grande verdade cristã que devia permanecer para sempre estivesse resumida no credo da Igreja primitiva: "Jesus Cristo é o Senhor" (Filipenses 2:11). Qualquer teologia que busque tirar Jesus do nicho mais alto ou tirar seu lugar único no plano da redenção e da salvação está necessariamente equivocada. A Igreja cristã não deve estar nunca reafirmando sua fé, mas sim deve reafirmar a fé em Cristo.

(2) Nunca deve fraquejar na *fé*. Aqui a palavra fé esconde dois significados em sua entranha.

(a) Dá a idéia de *fidelidade* e *lealdade*. O líder cristão deve ser para sempre fiel e leal a Jesus Cristo. Nunca deve envergonhar-se de demonstrar de quem é e a quem serve. Nunca deve temer estar junto a seu Mestre e Salvador que aceitou a Cruz por ele. A fidelidade é a virtude mais antiga e essencial do mundo.

(b) Mas a fé também encerra a idéia de *esperança*. O cristão nunca deve perder sua esperança em Deus; nunca deve cair num pessimismo cansado e resignado. Nunca deve se desesperar. No coração de um cristão não deve haver nem falta de esperança, nem pessimismo, nem desespero, nem por si mesmo nem pelo mundo.

(3) Seu *amor* não deve fraquejar nunca. Amar os homens é vê-los como Deus os vê. É negar-se a outra coisa que buscar seu mais alto bem-estar. É enfrentar a amargura com o perdão. É enfrentar o ódio com o amor. É enfrentar a indiferença com a paixão chamejante que não pode ser apagada, nem sufocada, nem obscurecida. O amor cristão busca insistentemente amar os homens como Deus os ama, e amar a outros como Deus nos amou primeiro .

OS MUITOS INFIÉIS E O ÚNICO FIEL

2 Timóteo 1:15-18

Esta é uma passagem em que se combinam a dor e a alegria. No final sucedeu com Paulo o mesmo que sucedeu com Jesus, seu Mestre. Seus amigos o traíram e fugiram. No Novo Testamento *Ásia* não é o continente da *Ásia*, mas sim a província romana de *Ásia* que abrangia a parte oeste da *Ásia Menor*. Sua capital era a cidade de *Éfeso*. Quando Paulo caiu prisioneiro seus amigos o abandonaram. O mais provável é que o tenham deixado por medo. Os romanos nunca teriam procedido contra Paulo, baseando-se numa acusação puramente religiosa; os judeus deveriam ter convencido os romanos de que Paulo era um perigoso alvoroçador e perturbador da paz pública. Não havia dúvida de que finalmente Paulo seria aprisionado com uma acusação política. Era

perigoso ser amigo de um homem semelhante; e na hora de necessidade os amigos de Ásia abandonaram a Paulo porque temiam por sua própria segurança.

Mas apesar de que outros temessem e desertassem, um homem foi fiel até o fim. Seu nome era Onesíforo, nome que significa *proveitoso*. Outros podiam envergonhar-se ou temer reconhecer que conheciam Paulo, mas Onesíforo não.

P. N. Harrison escreveu uma descrição vivida da busca de Paulo realizada pelo Onesíforo em Roma:

"Parece-nos ver em meio de uma multidão movediça, um rosto decidido, e seguir com agudo interesse a esse estranho das longínquas costas do Egeu, enquanto atravessa o labirinto de ruas desconhecidas, chamando muitas portas, seguindo todas as pistas, advertido dos riscos que corre mas sem afastar-se de sua finalidade; até que em alguma escura casa-prisão uma voz conhecida o saúda, e descobre a Paulo encadeado a um soldado romano. Tendo encontrado o caminho, Onesíforo não se contenta realizando uma só visita, mas sim, fazendo honra a seu nome, demonstra ser incansável em seus serviços. Outros fugiram da ameaça e ignomínia dessas cadeias; mas este visitante considera que o privilégio supremo de sua vida é compartilhar com esse criminoso a recriminação da cruz. Chega a conhecer a série de labirintos (das ruas de Roma) como se fossem sua própria Éfeso".

Não há dúvida que, quando Onesíforo buscou Paulo e foi visitá-lo várias vezes, estava expondo sua vida. Era perigoso perguntar onde se podia encontrar a determinado delinqüente, e era ainda mais perigoso continuar visitando-o; mas isso foi o que Onesíforo fez.

Várias vezes a Bíblia nos confronta face a face com uma pergunta que é muito real para cada um de nós. Várias vezes a Bíblia apresenta e saca um personagem do cenário da história com uma só frase. Hermógenes e Fígelo: não sabemos nada a respeito deles mais além de seus nomes e o fato de que traíram a Paulo e o abandonaram. Onesíforo: não sabemos nada dele, exceto que em sua lealdade a Paulo arriscou — ou talvez perdeu a vida. Hermógenes e Fígelo passam à história

marcados como desertores; Onesíforo aparece como um amigo que esteve mais próximo que um irmão. Se nós fôssemos descritos numa só sentença, qual seria? Um veredicto de uma sentença sobre nossas vidas seria o veredicto de traidor ou o de discípulo fiel?

Antes de deixarmos esta passagem devemos notar que num aspecto particular é um centro de polêmica. Cada um ao ler esta passagem deve formar sua própria opinião, mas há muitos que consideram que a implicação desta passagem é que Onesíforo morreu. Paulo ora em primeiro lugar pela família de Onesíforo.

Há muitos que asseguram que esta passagem implica muito definidamente que Onesíforo tinha morrido, e que talvez sua fidelidade a Paulo foi o que lhe custou a vida. Agora, se Onesíforo morreu, esta passagem mostraria a Paulo orando pelos mortos, pois ora para que Onesíforo encontre misericórdia no último e grande dia. As orações pelos mortos são um problema muito discutido. Não tentamos discutir o assunto aqui, mas podemos assinalar que para os judeus não eram desconhecidas.

Nos dias das guerras dos macabeus houve uma batalha entre as tropas de Judas Macabeu e o exército de Górgias, o governador de Iduméia. Finalizou com uma vitória de Judas Macabeu. Depois da batalha os judeus estavam juntando os cadáveres dos que tinham caído no campo de luta. Em cada um deles encontraram "objetos consagrados aos ídolos da Yamnia que a Lei proíbe aos judeus". O que se quer dizer é que os soldados judeus que tinham morrido levavam consigo amuletos pagãos num intento supersticioso de proteger suas vidas. A história continua dizendo que todos os que foram mortos levavam esse amuleto, e assinala que devido a isso tinham sido mortos. Ao ver isto, Judas e toda seu povo oraram para que o pecado desses homens "ficasse completamente apagado". Judas então arrecadou dinheiro e fez uma oferta pelos pecados daqueles que tinham caído porque criam que, ao haver ressurreição, não era supérfluo "rogar pelos mortos". De modo que a história termina dizendo de Judas Macabeu: "Por isso mandou fazer

este sacrifício expiatório em favor dos mortos para que ficassem libertados do pecado" (2 Macabeus 12:39-45).

É evidente que Paulo tinha sido criado com a crença de que as orações pelos mortos não eram algo odioso, mas sim belo. Este é um tema pelo qual houve muitas vezes longas e amargas disputas; mas podemos e devemos assinalar isto: se amamos a uma pessoa com todo nosso coração, e se a lembrança dessa pessoa não está nunca ausente de nossas mentes e lembrança, então, sem nos importar o que diga o intelecto de um teólogo, o instinto de nossos corações é lembrar a tal pessoa em nossas orações, já seja que estejam neste mundo ou no outro.

2 Timóteo 2

A cadeia do ensino - 2:1-2

O soldado de Cristo - 2:3-4

O atleta de Cristo - 2:5

O lavrador de Cristo - 2:6-7

A lembrança essencial - 2:8-10

O delinqüente de Cristo - 2:8-10 (cont.)

Livre embora preso - 2:8-10 (cont.)

O canto do mártir - 2:11-13

O perigo das palavras - 2:14

O caminho da verdade e o caminho do erro - 2:15-18

A ressurreição perdida - 2:15-18 (cont.)

O firme fundamento - 2:19

Utensílio de honra e de desonra - 2:20-21

Conselho a um líder cristão - 2:22-26

A CADEIA DO ENSINO

2 Timóteo 2:1-2

Aqui nos fala de duas coisas: a recepção e a transmissão da fé cristã.

(1) A recepção da fé está fundada em duas coisas. Fundamenta-se em ouvir. Timóteo ouviu a verdade e a graça da fé cristã pela boca de Paulo. Mas as palavras que ouviu foram confirmadas pelo testemunho de muitos. Havia muitos que estavam prontos para dizer: "Estas palavras, estas promessas são certas, e eu sei, porque o tenho descoberto em minha própria vida." Pode ser que haja muitos de nós que, não têm o dom da expressão, e que não podem nem ensinar nem explicar e expor a fé cristã. Mas até aqueles que não têm o dom do ensino podem ser testemunhas do poder vivente do evangelho, e atestar que todas as promessas são certas.

(2) Mas não só é um privilégio receber a fé cristã; é um dever transmiti-la. Todo cristão deve ver em si mesmo um vínculo entre duas gerações. Não só recebeu a fé; deve também passá-la a outro.

E. K. Simpson escreve sobre esta passagem: "A tocha da luz celestial deve ser transmitida sem apagar-se de uma geração a outra, e Timóteo deve considerar-se a si mesmo como um intermediário entre a era apostólica e as eras posteriores." O privilégio de um cristão: é receber a fé; e transmiti-la é sua responsabilidade.

(3) Deve-se transmitir a fé a homens fiéis que também a ensinam a outros. A Igreja cristã depende desta cadeia ininterrupta de mestres. Quando Clemente escreveu à Igreja de Corinto, descreveu esta cadeia. "Nossos apóstolos designaram às pessoas antes mencionadas (os anciãos) e depois eles proveram uma continuidade, para que, se essas pessoas dormiam, outros homens aprovados pudessem continuar seu ministério." O mestre é um elo na cadeia viva que se estende sem rupturas do momento atual até Jesus Cristo. A glória do ensino é que une o presente à vida terrestre de Jesus Cristo.

Estes mestres devem ser homens *fiéis*. A palavra grega para fiel, *pistos*, tem uma rica variedade de significados intimamente relacionados. Um homem que é *pistos* é uma pessoa que *crê*, que é *leal*, que é de *confiança* e da qual pode-se *depende*r. Todos estes significados estão aqui. Falconer disse que estes homens crentes são tais "que não se renderão

nem perante a perseguição nem perante o erro". O coração de um mestre deve estar tão fixo em Cristo que as ameaças de perigo não o tentem a deixar a senda da lealdade, nem a sedução dos falsos ensinamentos o façam apartar do caminho reto da verdade. O mestre cristão deve ser constante tanto na vida como no pensamento.

O SOLDADO DE CRISTO

2 Timóteo 2:3-4

A imagem do homem como soldado e a vida como uma militância era bem conhecida pelos romanos e os gregos. Sêneca disse: "Viver é ser um soldado" (Sêneca, *Epístolas*, 96, 5). Epicteto disse: "A vida de todo homem é uma espécie de militância, uma militância longa e variada" (Epicteto, *Discursos* 3, 24, 34). Paulo tomou esta imagem e a aplicou a todos os cristãos, mas muito especialmente aos líderes e servos destacados da Igreja. Exorta a Timóteo a militar na boa milícia (1 Timóteo 1:18). Chama Arquipo, em cuja casa havia reuniões da Igreja, nosso companheiro de milícia (Filemom 2). Chama Epafrodito, o mensageiro da Igreja de Filipos, "companheiro de milícia" (Filipenses 2:25). Claramente Paulo via na vida do soldado uma imagem da vida do cristão e do homem que queria servir a Cristo.

Quais eram, então, as qualidades do soldado que Paulo gostaria de ver repetidas na vida cristã?

(1) O serviço do soldado deve ser *concentrado*. Uma vez que uma pessoa se alistou na milícia não pode continuar enredando-se ou envolvendo-se nos negócios comuns e cotidianos da vida. Deve concentrar-se em seu serviço como soldado. O código romano de Teodósio dizia: "Proibimos aos homens arrolados no serviço militar comprometer-se com ocupações civis." Um soldado é um soldado e nada mais. Um cristão deve concentrar-se em seu cristianismo. Isso não significa que não deva ver-se envolto com tarefas ou negócios mundanos. Ainda deve viver neste mundo, e deve ganhar o pão; mas

significa que deve usar qualquer tarefa em que esteja envolto para viver e demonstrar seu cristianismo.

(2) O soldado está *condicionado pela obediência*. O primeiro treinamento que recebe um soldado está destinado a lhe fazer obedecer as ordens instintivamente e sem questionamentos. Pode chegar o momento em que esta obediência rápida e instintiva salve sua vida, e a de outros. Num sentido é certo que não é parte do dever de um soldado "conhecer as razões". Envolto como vê-se no meio da batalha, não pode ver a totalidade da situação. Deve deixar as decisões à comandante que vê todo o campo de batalha. O primeiro dever de um cristão é obedecer a voz de Deus, e aceitá-la ainda que não possa compreendê-la.

(3) O soldado está condicionado para o *sacrifício*. Muitas vezes acontece que o dever de um soldado não é tanto atacar o inimigo como pôr seu corpo como parede viva entre o inimigo e aqueles que ama. Seu dever é o de sacrificar-se por aqueles aos que defende.

A. J. Gossip nos relata como, como capelão na Primeira guerra mundial, foi à frente pela primeira vez. A guerra, o sangue, as feridas e a morte eram novas para ele. Ao ir viu a beira do caminho, deixado atrás logo depois da batalha, o corpo de um soldado vestido com o traje típico escocês. E de algum modo surgiram em sua mente as palavras do próprio Cristo: "Isto é meu corpo que é dado por vós." A condição essencial da vida de um soldado é a vontade de dar sua vida por um amigo. O cristão deve estar sempre disposto a sacrificar, seja seus requerimentos, seus desejos, sua fortuna, por Deus e por seus semelhantes.

(4) O soldado está condicionado à *fidelidade*. Quando o soldado romano se alistava no exército tomava o *sacramentum*, o juramento de lealdade a seu imperador.

Alguém recolheu uma conversação entre o Marechal Foch e um oficial durante a Primeira Guerra. "Não deve retirar-se", disse Foch, "deve ficar a todo custo." "Então", disse o oficial, "isso significa que devemos morrer todos." E Foch respondeu: "Precisamente!"

A virtude suprema de um soldado é ser fiel até a morte. O cristão também deve ser fiel a Jesus Cristo, através de todas as oportunidades e mudanças da vida, até mesmo às portas da morte.

O ATLETA DE CRISTO

2 Timóteo 2:5

Paulo acaba de usar a imagem de um soldado para representar a um cristão e agora utiliza outras duas imagens: a do atleta e a do lavrador. Utiliza as três imagens juntas em 1 Coríntios 9:6-7, 24-27.

Paulo diz que o atleta não ganha a coroa da vitória a não ser que cumpra os regulamentos da competência. Há algo muito interessante na versão grega que é muito difícil de traduzir. Nossa versão diz *lutar legitimamente*. O grego é *athlein nominos*. Nessa realidade é a frase grega utilizada pelos escritores posteriores para descrever a um *profissional* como oposto a um atleta *amador*. O homem *nominos* era aquele que concentrava tudo em sua luta. Sua luta não deve ser algo que só se leve a cabo nos momentos livres, como poderia sê-lo para um amador; era a total dedicação de sua vida para aperfeiçoar-se no tipo de competência que tinha eleito. Aqui nos encontramos, pois, com a mesma idéia que aparece na imagem de Paulo do cristão como soldado. Mais uma vez vemos que a vida de um cristão deve estar concentrada em seu cristianismo assim como a vida de um atleta deve estar no tipo de competição que escolheu. Um cristão dos momentos livres é uma contradição; toda a vida do homem deveria ser um esforço vigoroso em viver seu cristianismo em todo momento e em cada esfera de sua vida.

Quais são então as características de um atleta que Paulo tem em mente?

(1) O atleta é um homem *disciplinado* e que se *nega a si mesmo*. Deve manter seu plano de treinamento; não deve deixar que nada interfira com isso. Haverá dias em que quererá deixar seu treinamento e relaxar sua disciplina; não deve fazê-lo. Quererá dar-se prazeres e

gostos, mas deve rechaçá-los. Haverá momentos em que estará cansado e quererá abandonar; mas um grande atleta moderno, Puskas, o grande jogador de futebol húngaro, aconselha que se não se pode seguir mais, que continue outros dez minutos. O atleta que quer se sobressair sabe que não deve deixar que nada interfira com o nível de aptidão física que obteve. Deve haver disciplina na vida cristã. Há momentos em que não desejamos orar; há outros momentos em que é muito atrativo o caminho fácil; há vezes que o correto é difícil; outras em que queríamos afrouxar nossas normas. Mas o cristão é um homem disciplinado. Deve treinar-se para não deixar de continuar no intento permanente de fazer sua alma pura e forte.

(2) O atleta é uma pessoa que *observa as regras*. Logo depois da disciplina e as regras da preparação, estão a competência e as regras do jogo. Um atleta não pode ganhar se não competir. O cristão muitas vezes vê-se em competição com seus semelhantes. Deve defender sua fé; deve buscar convencer e persuadir; terá que discutir e debater; terá que defender sua própria posição e atacar a posição de outros. Deve fazê-lo tendo em conta as regras cristãs. Um cristão não deve esquecer sua cortesia, não importa quão ardente seja a discussão. Não importa quão essencial seja ganhar: nunca deve deixar de ser honesto com relação a sua própria posição e justo com a de seu oponente. O *odioum theologicum*, o ódio dos teólogos, converteu-se num mote e num provérbio. Frequentemente não há atitude como a religiosa. Mas o verdadeiro cristão sabe que a regra suprema da vida cristã é o amor, e levará esse amor em toda discussão e todo debate em que se veja comprometido.

O LAVRADOR DE CRISTO

2 Timóteo 2:6-7

Para representar a vida cristã Paulo usou a imagem do soldado, a do atleta e agora a do lavrador. Não se trata do lavrador ocioso, mas sim do

que trabalha, quem deve ser o primeiro em receber sua parte dos frutos da colheita. É seu trabalho que lhe dá o direito de colher e desfrutar-se. Quais eram então as características do lavrador que Paulo queria ver na vida de um cristão?

(1) Muitas vezes o lavrador deve contentar-se, primeiro trabalhando e logo, aguardando. Mais que qualquer outro trabalhador, o lavrador deve aprender que não existem resultados rápidos. O cristão também deve aprender a trabalhar e a esperar. Muitas vezes deve semear a boa semente da Palavra nos corações e mentes dos que o escutam e não ver resultados imediatos. Um mestre deve ensinar, e não encontrar diferenças naqueles a quem ensina. Um pai muitas vezes deve corrigir e guiar, e não ver diferença em seus filhos. O resultado vê-se ao passar dos anos; porque muitas vezes sucede anos mais tarde que essa mesma pessoa jovem, já adulta, ao ter que enfrentar uma tentação dominante, ou alguma decisão difícil, ou algum esforço intolerável, a palavra de Deus volta a sua mente, algum telão do ensino lembrado, alguma frase que caiu em sua memória, a disciplina tem seus frutos, e outorga honra quando sem ela haveria falta de honra, e salvação quando sem ela haveria ruína. O lavrador aprendeu a esperar com paciência, e assim devem fazê-lo o mestre e o pai cristão.

(2) Uma coisa em especial caracteriza a tarefa do lavrador: deve estar preparado para trabalhar a qualquer hora. Durante a colheita podemos ver lavradores trabalhando em seus campos enquanto fica um raio de luz. O camponês não conhece horários. Tampouco deve fazê-lo o cristão. Ninguém pode subtrair tempo a seu cristianismo. O mal de muito que passa por cristianismo é que muitas vezes é espasmódico. Mas o cristão deve ter sempre presente sua tarefa de ser cristão do amanhecer até o entardecer.

Nestas três imagens há uma coisa em comum. O soldado vê-se sustentado pela crença na vitória final. O atleta pela visão da coroa. O lavrador pela esperança da colheita. Cada um deles submete-se à disciplina e ao trabalho pela glória que obterão. O mesmo acontece com

o cristão. A luta cristã não é uma luta sem fim; não é um esforço sem meta. Sempre vai para alguma parte. E o cristão pode estar muito seguro de que depois do esforço da vida cristã, vem a alegria do céu; e quanto mais se lute maior será a alegria.

A LEMBRANÇA ESSENCIAL

2 Timóteo 2:8-10

Desde o começo desta Carta Paulo tratou que exortar e inspirar a Timóteo em sua tarefa. Lembrou-lhe sua própria fé nele; lembrou-lhe sua herança divina; mostrou-lhe a imagem do soldado, do atleta e do lavrador cristãos. E agora vem o maior dos chamados: *Lembra-te de Jesus Cristo*. Falconer chama a estas palavras: "O coração do evangelho paulino". Ainda que qualquer outro chamado à galhardia de Timóteo fracassasse, certamente que a lembrança de Jesus Cristo não fracassaria. Nas palavras que continuam há três coisas envoltas que devemos lembrar.

(1) Devemos lembrar a Jesus Cristo *ressuscitado dos mortos*. O tempo do verbo em grego não implica um ato levado a cabo num momento definido, mas sim uma afirmação contínua que permanece para sempre. Paulo não está dizendo a Timóteo: "Lembra a ressurreição real de Jesus Cristo"; em realidade está dizendo-lhe: "Lembra que Jesus ressuscitou para sempre e está sempre presente; lembra o teu Senhor ressuscitado e presente para sempre." Esta é a grande inspiração cristã. Não dependemos da inspiração de uma lembrança, por maior que seja. Desfrutamos com o poder de uma presença. Quando um cristão deve realizar uma grande tarefa, uma tarefa que não pode senão sentir que está fora de seu alcance, deve enfrentá-la com a segurança de que não o faz sozinho, mas sim está com ele para sempre a presença e o poder do Senhor ressuscitado. Quando os temores ameaçam, quando assaltam as dúvidas, quando a falta de adequação deprime, lembremos a presença do Senhor ressuscitado.

(2) Lembremos que Jesus Cristo nasceu da *linhagem de Davi*. Este é o outro lado da pergunta. "Lembra a humanidade de seu Mestre", diz Paulo a Timóteo. Não lembramos somente a Alguém que é só Espírito, e uma presença espiritual; lembramos a Um que andou neste caminho, e viveu esta vida, e enfrentou esta luta, e que portanto conhece aquilo pelo que estamos passando. Temos conosco, não só a presença de um Cristo glorificado; também temos a presença de um Cristo que conheceu a luta desesperada por ser um homem, que seguiu até o cruel final a vontade de Deus.

(3) Finalmente, Paulo diz, lembra *o evangelho*. Lembra as boas novas. Mesmo quando o evangelho exige muito, mesmo quando leva a um esforço que pareceria estar mais além da capacidade humana, e a um futuro que pareceria cheio de toda classe de ameaças, lembremos que é um evangelho, que se trata das Boas Novas; e lembremos que o mundo as está esperando. Não importa quão dura seja a tarefa que oferece o evangelho, esse mesmo evangelho é a mensagem de libertação do pecado e a vitória sobre as circunstâncias, para nós e para a humanidade.

De modo que Paulo incita a Timóteo ao heroísmo ao levá-lo a lembrar de Jesus Cristo, a contínua presença do Senhor ressuscitado, a simpatia que flui da humanidade do Mestre, a glória do evangelho para ele mesmo e para o mundo que nunca o escutou e que espera.

O DELINQUENTE DE CRISTO

2 Timóteo 2:8-10 (continuação)

Quando Paulo escreveu estas palavras estava na prisão romana, preso com uma cadeia. Isto era literalmente certo, porque durante todo o tempo que esteve na prisão, de noite e de dia Paulo estaria encadeado ao braço de um soldado romano. Roma não se arriscava a que escapassem seus prisioneiros.

Paulo estava prisioneiro acusado de ser um criminoso. Parece estranho que até um governo inimigo considerasse um cristão,

especialmente a Paulo, como um delinqüente. Havia dois aspectos nos quais Paulo podia ser considerado um delinqüente pelo governo romano.

Em primeiro lugar, Roma possuía um império quase tão grande como o mundo conhecido então. Era óbvio que tal império fosse sujeito a crises e tensões. Devia-se manter a paz e todo possível centro de descontentamento e rebelião tinha que ser iluminado. Uma das coisas que mais preocupavam a Roma era a formação de associações. No mundo antigo havia muitas associações. Havia clubes que organizavam comidas e seus membros se reuniam para comerem juntos. Havia o que chamaríamos sociedades de amigos cujo fim era a caridade para com os familiares de membros que tinham morrido. Havia sociedades sepultureiras que cuidavam que seus membros fossem bem enterrados. Mas as autoridades romanas eram tão especiais com relação às associações que até estas humildes e inocentes sociedades tinham que receber uma permissão especial do imperador antes de terem permissão para reunir-se. Os cristãos eram com efeito uma associação ilegal; e essa é uma das razões pelas que Paulo, como dirigente de tal associação, poderia ter estado na muito séria posição de ser um delinqüente político.

Em segundo lugar, havia outra razão pela que Paulo podia ser considerado um delinqüente. A primeira perseguição dos cristãos esteve intimamente relacionada com um dos maiores desastres que tenha sofrido a cidade de Roma. Em 19 de julho do ano 64 ao C. se desatou um grande incêndio em Roma. O incêndio ardeu durante seis dias e sete noites e devastou a cidade. Os altares mais sagrados e os edifícios mais famosos pereceram sob o fogo. Mas pior ainda, destruíram-se os lares do povo. A grande maioria da população de Roma vivia em grandes edifícios de aluguel construídos em geral de madeira, que arderam como isca. Muitas pessoas se queimaram vivas, outras morreram ou resultaram feridas; perderam a seus familiares e a seus seres queridos; ficaram sem lar e na miséria. A população de Roma viu-se reduzida ao que alguém chamou "uma vasta irmandade de miseráveis desventurados". Creu-se que ninguém mais que Nero, o próprio imperador, era responsável pelo

incêndio. Diz-se que contemplava o incêndio da Torre de Mecenas e que tinha declarado estar encantado com "a flor e a beleza das chamas".

Diz-se que quando o fogo dava sinais de decair, viam-se homens com mechas ardentes acendendo-o novamente, e que esses homens eram servos e empregados de Nero. Nero era apaixonado por edificar, e diz-se que acendeu deliberadamente a cidade para construir sobre suas ruínas uma Roma nova e mais nobre. Ninguém saberá jamais com segurança se a história é certa ou não; é provável que o seja. Mas uma coisa é certa: nada podia terminar com os rumores. Os cidadãos de Roma sem lar e na miséria, estavam seguros de que Nero era o responsável. O governo romano tinha só uma coisa a fazer; devia buscar um bode emissário sobre o qual fazer recair a responsabilidade e a culpa. E se encontrou um bode emissário.

Deixemos que Tácito, o historiador romano, conte-nos como foi: "Mas todos os esforços humanos, todos os presentes prodígios do imperador, e as propiciações dos deuses não terminaram com a crença sinistra de que o incêndio era o resultado de uma ordem. Conseqüentemente, para livrar-se das acusações, Nero atribuiu a culpa e infligiu as torturas mais deliciosas a uma classe odiada por suas abominações, a que o povo chamava cristãos" (Tácito, *Anais*, 15:44).

Obviamente já circulavam calúnias com relação aos cristãos. Sem dúvida os judeus influentes eram responsáveis pelas mesmas. E os odiados cristãos tiveram que levar a culpa do incêndio desastroso de Roma. A primeira perseguição surgiu desse fato e dessa acusação. Paulo era cristão. O que é pior, era o grande líder dos cristãos. E bem poderia ser que parte da acusação contra Paulo tenha sido que ele era um daqueles cujos seguidores eram responsáveis pelo incêndio de Roma e da resultante miséria do povo.

De modo, pois, que Paulo estava na prisão como um criminoso, um prisioneiro político, membro e líder de uma associação legal, e como membro dessa odiada seita de incendiários, sobre os quais Nero tinha

jogado a culpa da destruição de Roma. Podemos ver facilmente que perante acusações como esta Paulo estava numa situação desesperada.

LIVRE EMBORA PRESO

2 Timóteo 2:8-10 (continuação)

Apesar de estar na prisão sob acusações que faziam impossível sua libertação, Paulo não desmaiava e estava longe de sentir-se desesperado. Dois grandes pensamentos o sustentavam.

(1) Estava seguro de que, apesar de estar preso, nada podia atar a palavra de Deus.

André Melville foi um dos primeiros arautos da Reforma Escocesa. Um dia o Regente Morton mandou trazê-lo e denunciou seus escritos. Disse: "Não haverá paz neste país até que meia dúzia de homens como você sejam enforcados ou desterrados." Melville respondeu: "Cuidado, senhor, ameaçando a seus cortesãos dessa maneira. Para mim é o mesmo apodrecer no ar ou na terra. A Terra pertence ao Senhor; minha pátria está em qualquer lugar que se faça o bem. Estava preparado para dar minha vida quando nem tinha vivido a metade dela, segundo prouvera a meu Deus. Vivi fora de sua terra dez anos tão bem como nela. Não obstante, Deus seja louvado, não está em seu poder enforcar ou exilar a verdade."

Pode-se exilar um homem, mas não a verdade. Pode-se encarcerar um pregador, mas não a palavra que prega. A mensagem sempre é maior que o homem. A verdade é sempre mais poderosa que aquele que a leva. Paulo estava seguro de que o governo romano podia encarcerá-lo mas que nunca encontraria uma prisão cujas grades e cadeias pudessem conter e restringir a Palavra de Deus. Um dos fatos reais da história é o irresistível poder da Palavra de Deus. Se o esforço humano pudesse ter detido o cristianismo, este teria morrido faz muito tempo. Os homens não podem matar o que é imortal.

(2) Paulo estava seguro que o que estava suportando finalmente ajudaria a outros. Seu sofrimento não era inútil e sem proveito. O fato de que ele sofresse ia fazer possível que outros cressem. O sangue dos mártires foi sempre a semente da Igreja; e a luz da pira sobre a qual se queimava os cristãos foi sempre o que acendeu e avivou um fogo que não se pode apagar jamais. Quando alguém tenha que sofrer por seu cristianismo, lembre que seu sofrimento aplaina o caminho para algum outro que virá depois. No sofrimento suportamos nossa pequena porção do peso da cruz de Cristo, e fazemos nossa pequena parte para levar a salvação de Deus aos homens.

O CANTO DO MÁRTIR

2 Timóteo 2:11-13

Esta é uma passagem peculiarmente preciosa porque nela está emoldurado um dos primeiros hinos da Igreja cristã. Nos dias da perseguição a Igreja expressou sua fé com seu canto. Pode ser que este seja só um fragmento de um hino mais longo. *Policarpo* (5:2) parece nos dar um pouco mais dele quando escreve: "Se agradamos a Cristo no mundo presente, herdaremos o mundo vindouro; como Ele prometeu nos ressuscitar dos mortos, e disse: 'Se andarmos dignamente com Ele, com Ele reinaremos'."

Estas são as duas interpretações possíveis das primeiras duas estrofes: "Se morremos com ele, com ele também viveremos." [NVI] Alguns desejam tomar estas estrofes como uma referência ao batismo. Em Romanos 6 compara-se o batismo com a morte e a ressurreição em Cristo. "Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida" "Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com Ele viveremos" (Romanos 6:4, 8). Sem dúvida alguma a linguagem é a mesmo; mas o pensamento do batismo não tem vigência aqui; na mente de Paulo está o pensamento do

martírio. Lutero, numa grande frase disse: "*Ecclesia haeres crucis est.*" "A Igreja é a herdeira da cruz." O cristão herda a cruz de Cristo, mas também herda sua ressurreição. O cristão compartilha tanto a vergonha como a glória de seu Senhor.

Assim, pois, o hino continua: "Se sofremos, também reinaremos com Ele." Aquele que sofre até o fim será salvo. Sem a cruz não pode haver coroa.

Logo vem o outro lado da questão: "Se o negarmos, também Ele nos negará." Isto é o que o próprio Jesus disse: "Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus." (Mateus 10:32-33). Jesus Cristo não testemunhará na eternidade por um homem que negou ter que ver com Ele em seu momento; mas será fiel ao homem que, não importa quanto tenha falhado, buscou ser-lhe fiel.

Deus não pode fazê-lo. "Deus não é homem, para que minta, nem filho de homem para que se arrependa" (Números 23:19). É uma grande verdade da vida que Deus nunca falhará ao homem que buscou ser fiel, mas nem sequer Deus pode ajudar o homem que se negou a ter que ver com Ele. Faz muito tempo Tertuliano disse: "O homem que teme o sofrimento não pode pertencer Àquele que sofreu" (Tertuliano, *De Fuga*, 14). Jesus morreu por ser fiel à vontade de Deus; e o cristão também deve seguir a mesma vontade de Deus, sejam quais forem as circunstâncias.

O PERIGO DAS PALAVRAS

2 Timóteo 2:14

Mais uma vez Paulo volta para ao tema do inadequado das palavras. Devemos lembrar que as Epístolas Pastorais foram escritas tendo como pano de fundo os gnósticos que falavam e especulavam e produziam

longas frases e teorias fantásticas, e tentavam fazer do cristianismo uma filosofia recôndita em lugar de uma aventura de fé.

Nas palavras há tanto fascinação como perigo. As palavras podem converter-se em substitutos dos atos. Há gente que se preocupa mais por falar que por fazer. Se fosse possível salvar o mundo falando, o mundo já teria sido salvo há muito tempo; e se os problemas do mundo se pudessem resolver com a discussão, teriam sido resolvidos há muito tempo. Mas as palavras não podem substituir os atos.

O doutor Johnson foi um dos maiores conversadores de todos os tempos; João Wesley foi um dos maiores homens de ação de todos os tempos. Conheciam-se mutuamente, e Johnson tinha uma só queixa sobre Wesley: "A conversação de João Wesley é boa, mas nunca está tranqüilo. Sempre está obrigado a ir-se a uma hora determinada. Isto é muito desagradável para um homem que gosta de cruzar as pernas e conversar, como eu." Mas o fato é que Wesley, como homem de ação, escreveu seu nome através da Inglaterra de uma maneira que Johnson, como orador, jamais o fez.

Nem sequer é certo que a conversação e a discussão resolvem os problemas intelectuais. Uma das coisas mais sugestivas que Jesus disse foi: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo" (João 7:17). Muitas vezes o entendimento não se alcança falando, mas sim agindo. Na velha frase latina, *solvitur ambulando*, a coisa será resolvida enquanto se caminha. Frequentemente acontece que a melhor maneira de compreender as coisas profundas do cristianismo é mergulhando nos deveres inequívocos da vida cristã.

Resta dizer uma coisa mais. Há momentos em que a muita conversação pode ser realmente perigosa. Muito bate-papo e muita discussão podem ter duas conseqüências perigosas. Em primeiro lugar, podem dar a impressão de que o cristianismo não é mais que uma coleção de questões para discutir e problemas para solucionar. O círculo de discussão é um fenômeno característico desta época, como disse uma

vez G. K. Chesterton: "Fizemos todas as perguntas possíveis. É tempo de deixar de buscar perguntas e começar a buscar as respostas."

Em qualquer sociedade o círculo de discussão deve ser equilibrado pela ação do grupo. Em segundo lugar, a discussão pode ser estimulante e fortificante para aqueles cuja aproximação à fé cristã intelectual, para aqueles que têm um pano de fundo de conhecimentos e cultura, para aqueles que são caracteristicamente estudantes, para aqueles que têm um verdadeiro conhecimento de teologia ou interesse em teologia. Mas às vezes ocorre que uma pessoa de mentalidade mais simples encontra-se num grupo que comenta heresias ou propõe perguntas sem resposta, e pode ser que a fé dessa pessoa, longe de ver-se ajudada, seja perturbada. Pode ser que Paulo se refira a isso quando diz que as contendas sobre palavras podem perder àqueles que as ouvem. A palavra que normalmente se usa para referir-se ao fortalecimento de uma pessoa na fé cristã, *edificação*, é a mesma palavra que literalmente se usa para referir-se à *construção de uma casa*; a palavra que Paulo utiliza aqui para perdição (*katastrofe*) bem pode ser usada para referir-se à *demolição* de uma casa. É bem possível que a discussão sagaz, sutil, especulativa, destrutiva, intelectualmente temerária tenha um efeito demolidor, e não construtivo, na fé de alguma pessoa simples que resulta envolta nela. Como em todas as coisas, há momentos para discutir e momentos para calar.

O CAMINHO DA VERDADE E O CAMINHO DO ERRO

2 Timóteo 2:15-18

Paulo insiste com Timóteo a apresentar-se a si mesmo, entre os falsos mestres, como um verdadeiro mestre da verdade. A palavra que Paulo emprega para dizer *apresentar-se* é a palavra grega *parastesai*, que significa caracteristicamente *apresentar-se para o serviço*. As seguintes palavras e frases desenvolvem esta idéia de utilidade para e no serviço.

A palavra grega para *aprovado* é *dokimos*. *Dokimos* descreve a tudo o que foi provado e purificado e que está preparado para o serviço. Por exemplo, descreve o ouro ou a prata que foram purificados e limpos de toda liga no fogo. Portanto é usada para referir-se ao dinheiro que é genuíno. É a palavra que se usa para referir-se a uma pedra que foi cortada, provada e está pronta para ser localizada em seu lugar num edifício. Uma pedra com uma imperfeição se marcava com uma A maiúscula, que representava a palavra grega *adokimastos*, que significa *provada e encontrada com carências*. Assim Timóteo devia ser purificado e provado para que pudesse ser um instrumento adequado para a tarefa de Cristo, e portanto um trabalhador que não tivesse do que envergonhar-se.

Além disso, insiste-se com Timóteo, com uma frase famosa, a que *maneje bem* a palavra de verdade. A palavra grega que responde a esta tradução é muito interessante. É a palavra *orthotomein*, que literalmente significa *cortar bem*. Contém muitas imagens. Calvino a relacionou com um pai que divide os mantimentos durante a refeição, cortando-os de tal maneira que cada membro da família receba a porção correta, necessária e adaptada. Beza o relacionou com o esarteamento de uma vítima para o sacrifício de modo que cada parte dela fosse repartida corretamente para o altar ou para o sacerdote. Os próprios gregos usavam a palavra, ou a frase, com três significados distintos. Usavam-na para referir-se a traçar um caminho reto no campo; a arar sulcos diretos na terra; para referir-se à tarefa de um pedreiro ao cortar e dar forma a uma pedra de modo que encaixe em seu lugar correto na estrutura de um edifício. De modo que o homem que divide corretamente, que dirige corretamente, a palavra da verdade traça um caminho reto através da verdade e se nega a ver-se tentado por desvios prazenteiros mas irrelevantes; ara um sulco direito através da terra da verdade; toma cada seção da verdade e a localiza em sua posição correta, como o faz um pedreiro com uma pedra, impedindo que as partes usurpem um lugar que não lhes está destinado ou uma ênfase

que não lhes corresponde, de modo que desequilibrem toda a estrutura da verdade.

Por outro lado, o falso mestre se envolve no que Paute chamaria "profanas e vãs palavrórios". E então Paulo usa uma frase vívida. Os gregos tinham uma palavra favorita para progredir (*prokoptein*). Literalmente significa *avançar de frente*; significa remover os obstáculos de um caminho de modo que se possa levar a cabo um andar progressivo, direito e ininterrupto. Paulo diz que estes enganadores vão progredir cada vez mais na impiedade. Seu progresso é ao reverso. Quanto mais falam, mais se apartam de Deus. Aqui então está a prova. Se no final de um bate-papo e uma discussão, estamos mais perto um do outro e de Deus, está bem. Mas se no final dela, erigimos barreiras entre nós e deixamos a Deus mais distante e nossa perspectiva dEle se nublou, então, estamos equivocados. O fim de toda discussão e de toda ação cristã é aproximar o homem a Deus.

A RESSURREIÇÃO PERDIDA

2 Timóteo 2:15-18 (continuação)

Entre os falsos mestres Paulo menciona especialmente a Himeneu e Fileto. Não sabemos quem foram estes homens. Mas obtemos uma breve visão de seus ensinamentos ao menos em um de seus aspectos. Diziam que a ressurreição já tinha ocorrido. Isto, é obvio, não se refere à ressurreição de Jesus; refere-se à ressurreição do cristão logo após a morte. Conhecemos duas falsas perspectivas da ressurreição do cristão que tiveram alguma influência na Igreja primitiva.

(1) Proclamava-se que a verdadeira ressurreição do cristão ocorria no batismo. É certo que em Romanos 6 Paulo tinha escrito vivamente a respeito de como o cristão morre no momento do batismo e volta para a vida como novo. Havia aqueles que ensinavam que a ressurreição ocorria nesse momento do batismo, e que era uma ressurreição à nova vida em Cristo aqui e agora, e não depois da morte.

(2) Havia aqueles que ensinavam que o significado da ressurreição individual não era mais que o fato de que a pessoa continuava vivendo em seus filhos; que achava sua ressurreição, a continuação de sua vida nos filhos, aqueles que, por assim dizer, continuavam sua vida, e seguiam depois dele.

O problema era que esta classe de ensinamentos encontrava uma resposta e um eco tanto na ala judaica como na ala grega da Igreja. Pelo lado judeu, os fariseus criam na ressurreição do corpo, os saduceus não. Qualquer ensino que apagasse o conceito da vida após a morte, apelaria especialmente aos saduceus, e estaria de acordo com suas crenças. O problema com os fariseus era que eram ricos, materialistas aristocráticos, tinham lucros e interesses tão grandes neste mundo que não estavam interessados no mundo por vir.

Pelo lado grego, o problema era muito mais difícil. Nos primeiros dias do cristianismo os gregos, falando em geral, criam na imortalidade, mas não criam na ressurreição do corpo. A crença mais elevada era a dos estóicos. Os estóicos criam que Deus era o que poderia chamar-se um espírito de fogo. A vida do homem era uma faísca desse espírito de fogo, uma faísca do próprio Deus, uma *centelha* da divindade. Mas criam que quando um homem morria essa faísca voltava a Deus e era reabsorvida por Ele. Essa é uma crença nobre, mas claramente elimina a sobrevivência *pessoal* após a morte. O que é pior, os gregos criam que o corpo era totalmente mau. Faziam um trocadilho em seu provérbio: "*Soma Sema*", "O corpo é uma tumba." A última coisa que desejavam ou criam era a ressurreição do corpo; e portanto eles também estavam propensos a receber qualquer ensino a respeito da ressurreição de cada pessoa que estivesse de acordo com suas crenças.

É óbvio que o cristão não crê na ressurreição deste corpo. Ninguém podia conceber a uma pessoa destroçada num acidente ou morta de câncer despertando no céu com o mesmo corpo; mas o cristão crê de todo seu coração na sobrevivência da identidade pessoal; crê vigorosamente que depois da morte cada um seguirá sendo o que é. E

qualquer ensino que tire essa segurança da sobrevivência pessoal de cada indivíduo fere as próprias raízes da crença cristã.

Quando Himeneu e Fileto, e outros como eles, ensinavam que já tinha ocorrido a ressurreição, já fosse no momento do batismo ou através dos filhos de uma pessoa, estavam ensinando algo que os saduceus judeus e os filósofos gregos de maneira nenhuma eram remissos em aceitar; mas também estavam ensinando algo que minava uma das crenças centrais e essenciais da fé cristã.

O FUNDAMENTO FIRME

2 Timóteo 2:19

Os gregos utilizavam a palavra *themelios*, *fundação* em dois sentidos, assim como nós. Referiam-se com ela à base sobre a qual se edifica uma construção; e também a utilizavam no sentido de associação, sociedade, escola, cidade fundada por alguém. O *fundamento* de Deus aqui é a *Igreja*. A Igreja é uma sociedade, uma associação que Deus fundou; a Igreja é a "fundação" de Deus.

Paulo continua dizendo que a igreja tem uma certa inscrição sobre si. A palavra que se utiliza é *sfragis*. O significado comum de *sfragis* é selo. O *sfragis* é o selo que prova a genuinidade ou pertença de alguém. O selo sobre uma bolsa de mercadoria provava que o conteúdo era genuíno e que não se tinha interferido nele, também indicava a pertença e procedência da mercadoria. Mas *sfragis* tinha outros usos. Utilizava-se para denotar a *marca*, o que chamaríamos *marca registrada*. Galeno, o médico grego, fala do *sfragis* de certo frasco de remédio para os olhos, referindo-se à marca ou sinal que mostrava que tipo de remédio para os olhos continha o frasco. Mais ainda, o *sfragis* era a *marca do arquiteto* no edifício. Um arquiteto punha sempre sua marca num monumento, estátua ou edifício, para mostrar que é responsável por seu desenho e ereção. O *sfragis* pode ser também o sinal ou inscrição que indica o propósito para o qual se construiu um edifício e a razão pela qual existe.

A Igreja era um *sfragis*, um selo, uma inscrição que mostra imediatamente o que é e para que a desenhou. Paulo refere-se em duas citações a este selo. Mas a forma em que se cita ilumina muito a maneira em que Paulo, os pregadores e pensadores da Igreja primitiva utilizavam as Escrituras. As duas citações são: “O Senhor conhece os que lhe pertencem”, e “Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor”. O interessante é que nenhuma destas orações é uma citação literal e exata de alguma parte das Escrituras.

A primeira — “O Senhor conhece os que lhe pertencem” — é uma reminiscência de uma afirmação de Moisés a seus amigos rebeldes associados a Coré nos dias no deserto. Quando se tinham unido contra Moisés, Moisés disse: “O SENHOR fará saber quem é dele” (Números 16:5). Mas o texto do Antigo Testamento foi lido, escutado e ouvido à luz da afirmação de Jesus em Mateus 7:22,23: “Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”. É como se o texto do Antigo Testamento tivesse sido retraducido nas palavras de Jesus.

A. segunda citação — “Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor” — é outra reminiscência da história Coré. O mandato de Moisés ao povo foi o seguinte: “Retirai-vos das tendas destes homens perversos, e não toqueis coisa que lhes pertença, para que não sejais arrebatados em todos os seus pecados” (Números 16:26, TB). Mas o texto do Antigo Testamento mais uma vez se lê à luz das palavras de Jesus em Lucas 13:27, quando Jesus diz àqueles que falsamente proclamam ser seus seguidores: “Digo-vos que não sei de onde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais a iniquidade”. A forma em que os escritores do Novo Testamento liam o Antigo Testamento é duplamente interessante, sempre faziam à luz do Novo, e especialmente à luz das palavras de Jesus; e não estavam interessados em exatidões

nem em delicadezas verbais, mas sim diante de qualquer problema levavam o sentido geral de toda a gama da Escritura. E estes dois princípios são ainda excelentes princípios para, à luz dos quais ler e utilizar as Escrituras.

Os dois textos nos dão dois amplos princípios referentes a Igreja.

O primeiro nos diz que a Igreja consiste naqueles que pertencem a Deus, naqueles que se deram a si mesmos a Deus de tal maneira que já não são donos de si mesmos, e o mundo já não os possui, mas sim Deus é o possuidor. A Igreja consiste naqueles que se entregam a Deus para que Ele os utilize como quiser.

O segundo nos diz que a Igreja consiste naqueles que se apartaram da iniquidade. Isso não quer dizer que a Igreja esteja constituída por gente perfeita. Se assim fosse, não haveria Igreja. Tem-se dito que o grande interesse de Deus não é tanto aonde chegou o homem, mas em que direção ele se dirige. E a Igreja consiste naqueles cujos rostos estão voltados rumo à santidade e à retidão. Poderão fracassar e cair muitas vezes, e a meta poderá parecer trágica e angustiosamente longínqua, mas seus rostos estão sempre olhando a meta e seus desejos apontam sempre ao que é justo.

A Igreja consiste naqueles que pertencem a Deus e que se entregaram à luta pela justiça e a retidão.

UTENSÍLIO DE HONRA E DE DESONRA

2 Timóteo 2:20-21

A relação entre esta passagem e aquela que a precede é muito prática. Paulo acaba de dar uma muito grande e elevada definição da Igreja. A Igreja consiste naqueles que pertencem a Deus e naqueles que estão no caminho da retidão. A resposta óbvia a isto é: se isto é assim, como se explica a existência destes hereges enganadores na Igreja? Como se explica a existência de Himeneu e Fileto na Igreja? A resposta de Paulo é que em toda casa grande há todo tipo de vasilhas e utensílios;

há coisas de metal precioso e de metal ordinário; há coisas que têm uma utilidade desonrosa e outros cujo uso é honroso. Há toda classe de coisas. O mesmo pode acontecer na Igreja. Enquanto a Igreja seja uma instituição terrestre deve ser uma mescla. Enquanto a Igreja consista em homens e mulheres será uma representação da humanidade. Assim como é preciso todo tipo de pessoas para fazer um mundo, também necessitamos desta característica para conformar a Igreja.

Esta é uma verdade prática que Jesus tinha estabelecido muito antes, na Parábola do trigo e o joio (Mateus 13:24-30, 36-43). O centro nesta parábola, é que o trigo e o joio crescem juntos, e, nas primeiras etapas, são tão parecidos que é impossível separá-los sem arrancar trigo e joio ao mesmo tempo. Afirmou-o também na parábola da rede de pesca (Mateus 13:47-48). A rede recolhia *toda classe* de peixes. Em ambas as parábolas, Jesus ensina que a Igreja é necessariamente uma mescla de gente, que se deve suspender o juízo humano, mas que o juízo de Deus no final será certo, e ao chegar esse momento se farão as separações necessárias.

Aqueles que criticam a Igreja porque há nela pessoas imperfeitas e fracos criticam-na porque está composta de homens e mulheres. Não nos é dado julgar; o juízo pertence a Deus.

Mas o dever do cristão é manter-se livre de todas as influências que o contaminem. E se o faz, qual é seu prêmio? Seu prêmio consiste em *ser utilizado para o serviço*. Não se trata de uma honra nem de um privilégio nem de uma exaltação especial; seu prêmio é um serviço especial.

Esta é a essência da fé cristã. Um homem verdadeiramente bom não considera sua bondade como algo que lhe dá direito a receber honras e respeito especiais; sua bondade não o faz erguer-se numa pequena elevação e olhar para baixo. Se for bom, seu único desejo será o de ter cada vez mais trabalho que fazer, porque sua tarefa será seu maior privilégio. Se for bom, a última coisa que fará será buscar estar à parte, afastado e acima de seus semelhantes. Pelo contrário, buscará estar

abaixo com eles, no pior dos casos, servindo a Deus por meio do serviço a eles. Sua glória não estará na isenção do serviço; sua glória estará num serviço a Deus mais duro e mais exigente. Nenhum cristão deveria pensar em preparar-se para a honra; todo cristão deve pensar em preparar-se para o serviço.

CONSELHO A UM LÍDER CRISTÃO

2 Timóteo 2:22-26

Esta é uma passagem de conselhos muito práticos para o líder e o mestre cristãos.

Deve fugir das paixões da mocidade. Muitos comentaristas têm feito diversas sugestões com relação a quais são estes desejos e paixões da juventude. São muito mais que os desejos e as paixões da carne. Incluem essa *impaciência*, que nunca aprende a *apressar-se devagar*, e que ainda não descobriu que apressar-se muito pode fazer mais mal que bem; essa *agressividade* que é intolerante em suas opiniões e arrogante ao expressá-las, e que ainda não aprendeu a simpatizar com outros e ver o bem em seus pontos de vista; esse *amor pela disputa* que tende a discutir por longo tempo e a agir pouco, que está apaixonado pelas acrobacias mentais, e que possa falar toda a noite e ficar nada mais que com um montão de problemas sem resolver; esse *amor pela novidade*, que tende a condenar uma coisa simplesmente porque é velha, e deseja outra simplesmente porque é nova, que despreza o valor da experiência, e marca como antigo aquilo no que creu a geração anterior. Uma coisa deve-se notar: as faltas da juventude são as faltas do idealismo. Simplesmente o novo, o atual e o intenso da visão é o que faz com que o jovem se equivoque tanto. Tais faltas não são para serem condenadas austeramente, mas sim devem ser corrigidas com simpatia, porque cada uma delas é uma falta que tem por trás uma virtude escondida.

O líder e o mestre cristãos devem ter como fim a *justiça*, o que significa dar aos homens e a Deus o que lhes corresponde; a *fé*, que

significa ser fiel e digno de confiança, ambas coisas que provêm de ter confiança em Deus; o *amor*, cuja determinação total é a de não buscar nada que não seja o melhor para seus semelhantes, não importa o que eles nos façam, e que desterrou para sempre o amargo e o desejo de vingança; a *paz*, que é a relação correta da comunidade de amor com Deus e com os homens. E todas estas coisas devem buscar-se *com os que de coração limpo invocam a Deus*. Um cristão nunca deve viver sozinho, separado nem afastado de seus semelhantes. Deve encontrar sua força, sua alegria, seu apoio na comunidade cristã.

Como disse João Wesley: "Um homem deve ter amigos ou fazer-se amigo deles; porque ninguém nunca foi só ao céu".

O líder cristão não deve ver-se envolto em controvérsias néscias. Tais disputas são precisamente a maldição da Igreja cristã. A maldição da Igreja moderna é que os argumentos geralmente são duplamente néscios, porque raramente se referem às grandes questões da vida, a doutrina e a fé, mas sim quase sempre se referem a pequenezes sem importância. Uma vez que um líder vê-se envolto em controvérsias néscias e não cristãs traiu todo o seu direito a ser um dirigente.

O líder cristão deve ser *amável* com todos; mesmo quando tem que criticar e assinalar uma falta, deve fazê-lo com suavidade e nunca ferir. Deve ser *apto para ensinar*; não só deve conhecer a verdade, mas também deve ser capaz de comunicá-la; e o fará, nem tanto falando a respeito da verdade, como vivendo de tal maneira que mostre a Cristo aos homens. Deve ser *sofrido*; como seu Mestre, se é denegrido, não deve denegrir; deve estar capacitado a aceitar o insulto e a injúria, os desprezos e as humilhações como Jesus o fez. Poderá ter pecados maiores que a suscetibilidade, mas não há nenhum que faça mais dano à Igreja cristã. Deve disciplinar a seus oponentes com *mansidão*; sua mão deve ser como a de um cirurgião. Não deve equivocar-se em encontrar a parte doente, nem causar dor desnecessária em momento algum. Deve derreter a frigidez da oposição com o calor do amor. Deve amar os homens, não golpeá-los para que se submetam à verdade.

A última oração desta passagem está escrita num grego muito fechado, mas parece ser uma esperança de que Deus despertará o arrependimento e o desejo pela verdade nos corações dos homens, de modo que aqueles que caíram na cilada e na armadilha do diabo possam ser resgatados enquanto suas almas ainda estão vivas, e sejam levados a obedecer a vontade de Deus por meio da tarefa do servo de Deus. É Deus quem desperta o arrependimento; é o líder cristão aquele que abre a porta da Igreja para o coração penitente.

2 Timóteo 3

Épocas de terror - 3:1

As qualidades da impiedade - 3:2-5

As qualidades da impiedade - 3:2-5 (cont.)

As qualidades da impiedade - 3:2-5 (cont.)

As qualidades da impiedade - 3:2-5 (cont.)

As qualidades da impiedade - 3:2-5 (cont.)

Sedução em nome da religião - 3:6-7

Os que se opõem a Deus - 3:8-9

Deveres e qualidades de um apóstolo - 3:10-13

A experiência de um apóstolo - 3:10-13 (cont.)

O valor das Escrituras - 3:14-17

ÉPOCAS DE TERROR

2 Timóteo 3:1

A Igreja primitiva vivia numa era na que se fazia tarde. Esperavam em qualquer momento a Segunda Vinda. O cristianismo tinha sido embalado pelo judaísmo, e era natural que pensasse muito em termos e imagens judias. O pensamento judeu tinha uma concepção básica. Os judeus dividiam todo o tempo nesta era *presente* e na era *por vir*. Esta era presente era totalmente má; e a era por vir era a idade de ouro de Deus. Entre ambas as eras estava o *Dia do Senhor*. Esse dia seria aquele

em que Deus definida e pessoalmente interviria e destroçaria o mundo para refazê-lo. Esse Dia do Senhor ia ser precedido por uma época de terror; uma época em que o mal se uniria para seu último assalto final; uma época em que o mundo seria sacudido até seus fundamentos morais e físicos. Nesta passagem Paulo está pensando de acordo com esta concepção dos últimos tempos.

Diz que nestes últimos dias haverá tempos *perigosos*. A palavra *perigoso* em grego é *capelos*. Significa *difícil* mas tem certos usos que explicam seu significado aqui. É usada em Mateus 8:28 para descrever os dois endemoninhados gadarenos que se encontraram com Jesus entre os sepulcros. Eram maníacos violentos e perigosos. Plutarco a utiliza para descrever o que chamaríamos uma ferida *feia*. Antigos escritores de astrologia a usam para descrever o que chamaríamos a conjunção *ameaçadora* dos corpos celestes. Dá a idéia de ameaça, perigo, provocação. Nos últimos dias haveria tempos ameaçadores que poriam em perigo a própria existência da Igreja cristã e do bem mesmo; viria uma espécie de tremendo ataque do mal antes de sua derrota final.

Nas imagens judias destas épocas terríveis encontramos exatamente o mesmo tipo de descrição que temos aqui. Viria uma espécie de terrível reflorescimento do mal, em que todos os fundamentos morais se veriam sacudidos. No *Testamento de Issacar*, um dos livros escritos entre o Antigo e o Novo Testamento, obtemos esta descrição:

Saibam, pois, portanto, meus filhos,
que nos últimos tempos,
seus filhos trairão a simplicidade
e se aferrarão ao desejo insaciável;
e deixando a inocência, se aproximarão da maldade;
e traíndo os mandatos do Senhor,
se aferrarão a Beliar.
E deixando a frugalidade,
seguirão seus próprios sentimentos malvados
e se dispersarão entre os gentios,
e servirão a seus inimigos (*Testamento de Issacar*, 6:1,2).

Em 2 Baruque, temos uma descrição ainda mais vívida do caos moral dos últimos tempos:

A honra se tornará em vergonha,
E a força se humilhará em desprezo,
E se destruirá a probidade,
E a beleza se converterá em fealdade...
E a inveja surgirá naqueles que
 não pensavam nada de si mesmos,
E a paixão se apoderará dos pacíficos,
E muitos serão presa da ira para ferir muitos.
E levantarão exércitos para derramar sangue,
E no final perecerão junto com eles. (2 *Baruque* 27).

Nesta descrição que Paulo faz, ele está pensando em termos que são familiares aos judeus. Em termos modernos, haveria uma confrontação final com as forças do mal. Como disse E. K. Simpson: "O mundo se fará mais mundano". Como dizemos muitas vezes, as coisas têm que ficar muito pior para que logo possam melhorar.

Hoje em dia temos que tomar estas velhas descrições e traduzi-las para termos modernos. Nunca estiveram destinadas a ser outra coisa senão imagens e visões; violaríamos o pensamento judeu e o da Igreja primitiva se tomarmos com crua literalidade. Mas encerram a verdade permanente de que em algum momento chegará a consumação, em que o mal encontrará a Deus num tipo de colisão frontal, e em que chegará o triunfo final de Deus, que precederá o dia em que os reinos do mundo se convertam no Reino de Deus.

AS QUALIDADES DA IMPIEDADE

2 Timóteo 3:2-5

Esta é uma das mais terríveis descrições do Novo Testamento de como seria um mundo sem Deus. As terríveis qualidades da impiedade aparecem numa horrível série. Vamos vê-las uma por uma.

Não é casual que a primeira delas seja a *vida centrada em si mesmo*. O adjetivo utilizado é *filautos*, que significa *amante de si mesmo*. O amor próprio é o pecado básico, do qual provêm os outros pecados. No momento em que uma pessoa faz com que sua própria vontade e seu próprio desejo sejam o centro de sua vida, destroem-se as relações divinas e humanas. Uma vez que a pessoa se erige como Deus, a obediência a Deus e a caridade para com os homens se fazem impossíveis. Se o *eu* for o centro da vida, então Cristo desaparece dela. A essência do cristianismo não é entronizar o *eu*, antes, aboli-lo. Todo pecado começa com o egoísmo.

Os homens podiam converter-se em *amantes do dinheiro* (*filarguros*). Devemos lembrar que a tarefa de Timóteo tinha como centro a Éfeso. Éfeso era talvez o maior mercado do mundo antigo. Naqueles dias o comércio em geral chegava pelos rios dos vales; Éfeso estava na desembocadura do rio Cayster, e dominava o comércio de uma das terras interiores mais ricas de toda a Ásia Menor. Em Éfeso se encontravam algumas das maiores rotas do mundo. Estava a grande rota comercial do vale do Eufrates que vinha passando por Colossos e Laodicéia e deixava a riqueza do Este na entrada de Éfeso. Havia a rota proveniente do Norte da Ásia Menor e da Galácia que passava por Sardes. Havia a rota do Sul que centralizava o comércio do vale do Mender em Éfeso. Chamava-se a Éfeso "A feira das vaidades da Ásia Menor" e "A casa do tesouro da Ásia Menor".

Assinalou-se que o João que escreveu o *Apocalipse* pode ter estado pensando em Éfeso, quando escreveu essa passagem expressiva em que descreve o comércio dos homens: “mercadoria de ouro, de prata, de pedras preciosas, de pérolas, de linho finíssimo, de púrpura, de seda, de escarlata; e toda espécie de madeira odorífera, todo gênero de objeto de marfim, toda qualidade de móvel de madeira preciosíssima, de bronze, de ferro e de mármore; e canela de cheiro, especiarias, incenso, unguento, bálsamo, vinho, azeite, flor de farinha, trigo, gado e ovelhas; e de cavalos, de carros, de escravos e até almas humanas” (Apoc. 18:12-13). Éfeso era

uma cidade de uma civilização próspera, mundana e materialista; era o tipo de cidade em que as pessoas podiam perder sua alma muito facilmente. Há perigo nela. Há perigo quando os homens medem sua prosperidade pelas coisas materiais, quando a civilização se mede pelo dinheiro e os bens materiais. Devemos lembrar que é uma verdade permanente que é mais fácil uma pessoa perder sua alma na prosperidade que na adversidade; e que se está em caminho de perder a alma quando se determina o valor da vida pelo número de coisas que se possui.

AS QUALIDADES DA IMPIEDADE

2 Timóteo 3:2-5 (continuação)

Nesses dias terríveis os homens seriam *jactanciosos* e *soberbos*. Nos escritos gregos estas duas palavras quase sempre iam juntas; e ambas são pitorescas.

A palavra *jactancioso* tem uma derivação interessante. É a palavra *alazon*, e derivam da palavra *ale*, que significa *vagabundear*. Originalmente um *alazon* era um curandeiro vagabundo. Plutarco utiliza a palavra para descrever a um médico curandeiro. O *alazon* era um desses curandeiros enganadores que iam pelo campo com remédios, encantamentos e métodos de exorcismo que, conforme proclamavam eram panacéias e curavam todos os males. Ainda podemos ver este tipo de pessoas em feiras e mercados gritando as virtudes de uma marca de remédios, ou de uma pílula ou pó que agirá em forma mágica. Logo a palavra começou a ampliar seu significado até que se referiu a qualquer *pretensioso* ou *fanfarrão*. Os moralistas gregos escreveram muito a respeito desta palavra. As Definições Platônicas definem ao substantivo correspondente (*alazoneia*) como: "Proclamar coisas boas que a pessoa realmente não possui". Aristóteles (*Ética nicomaquea* 7:2) define o *alazon* como: "a pessoa que pretende ter qualidades creditadas que não possui, ou que possui em menor grau do que diz". Xenofonte nos relata como Ciro, o rei persa, definiu *alazon*: "O nome *alazon* parece referir-se

àqueles que pretendem ser mais ricos do que são, ou mais valentes, e àqueles que prometem fazer o que não podem, e que, também, quando é evidente que o fazem para obter algo ou alguma lucro" (Xenofonte, *Ciropedia*, 2, 2, 12).

Xenofonte em seu *Memorabilia* nos relata como Sócrates condenou categoricamente a estes impostores: disse que se os encontraria em todas as expressões da vida, mas que o pior de todos seria na política. "O descarado maior de todos é o homem que enganou a sua cidade na crença de que ele é a pessoa correta para dirigi-la".

O mundo está cheio destes vangloriosos em nossos dias; os sagazes sabichão que enganam às pessoas ao fazê-la pensar que são sábios; quão políticos proclamam que seus partidos têm um programa que trará a Utopia e que só eles nasceram para ser líderes de homens; as pessoas que povoam as colunas de avisos anunciando que outorgam beleza, conhecimento, saúde por meio de seu sistema; as pessoas de igreja que têm uma bondade fanfarrona e ostentosa. O problema é que estes pretensiosos estão em toda sociedade competitiva e seu único desejo é o de destacar-se acima de seus semelhantes, com meios corretos ou com enganos.

Aliados de perto com os *jactanciosos*, mas — como já veremos — piores ainda que eles, figuram os *soberbos*. A palavra é *huperefanos*, que se deriva de duas palavras gregas que significam mostrar-se a *si mesmo acima de outros*. O homem *huperefanos*, disse Teofrasto, tem certo desprezo por todos exceto por si mesmo. É a pessoa culpado do pecado de soberba. É o homem resistido por Deus, porque diz-se repetidamente nas Escrituras, que Deus recebe ao humilde, mas resiste aos soberbos *huperefanos* (Tiago 4:6; 1 Pedro 5:5; Provérbios 3: 24). Teofilacto chamou a este tipo de orgulho *akropolis kakon*, a cidadela do mal, o topo dos males.

A diferença entre aquele que se vangloria e o soberbo é a seguinte. Aquele que se vanglória é uma pessoa fanfarrona, que proclama suas pretensões aos quatro ventos, e tenta obter o poder e a eminência

mediante alardes e jactâncias. Ninguém pode confundi-lo ou deixar de vê-lo. Mas o pecado do *soberbo*, neste sentido, está em seu coração. Até poderá parecer humilde, calado e inofensivo; mas no íntimo de seu coração está esse desprezo por todos os outros. Alimenta um orgulho que tudo consome e perverte. Em seu coração há um pequeno altar perante o qual se ajoelha perante si mesmo, e em seus olhos há algo que olha a todas as pessoas com um silencioso desprezo.

AS QUALIDADES DA IMPIEDADE

2 Timóteo 3:2-5 (continuação)

Estas qualidades as gema do vanglorioso e o soberbo devem inevitavelmente resultar na *blasfêmia*. Usualmente se associa esta palavra com o insulto a Deus; mas em grego refere-se a insultar aos homens ou a Deus. A soberba gera a blasfêmia. Origina desobediência e desconsideração para com Deus, no orgulho que pensa que não necessita a Deus e que sabe mais que Ele. Origina o desprezo para com os homens, um desprezo que pode resultar em ações ferinos e em palavras que machucam. Os rabinos judeus consideravam num lugar elevado na lista de pecados o que chamavam *o pecado do insulto*. O insulto que provém da irritação é má, mas é perdoável, porque é lançado num momento de paixão; mas o insulto frio que provém do orgulho arrogante e depreciativo é algo horrível e imperdoável.

Haverá homens *desobedientes aos pais*. O mundo antigo considerava de grande importância os deveres para com os pais. As leis gregas mais antigas privavam dos direitos civis aqueles que golpeavam a seus pais; na lei romana bater no pai era tão mau como cometer um assassinato; na Lei judia a honra ao pai e à mãe encontra-se num lugar destacado na lista dos Dez Mandamentos. O sinal da suprema decadência de uma civilização se dá quando a juventude perde todo o respeito pela idade, e se nega a reconhecer a dívida impagável e seu dever básico para com aqueles que lhe deram a vida.

Haverá homens *ingratos* (*acaristos*), que se negarão a reconhecer a dívida que têm para com Deus e para com seus semelhantes. A estranha característica da ingratidão é que é o pecado que mais fere porque é o mais cego de todos. O homem de honra se distingue por pagar suas dívidas; e todo homem tem uma dívida com Deus e com seus semelhantes, que como pessoa de honra deve lembrar e pagar.

Haverá homens *ímpios*. A palavra grega é *anosios*. *Anosios* não significa tanto que os homens transgredirão as leis de Deus; significa que pecarão contra as leis não escritas, mas que são parte da própria essência da vida. Para os gregos era *anosios* negar-se a enterrar um morto; era *anosios* que um irmão se casasse com sua irmã, ou um filho com sua mãe. O homem que é *anosios* peca contra a decência fundamental da vida. Tal ofensa pode ocorrer ainda, e ocorre. O homem dominado por suas paixões mais baixas as gratificará da maneira mais desavergonhada, tal como o mostram as ruas de qualquer grande cidade a altas horas da noite. O homem que esgotou os prazeres normais da vida, e ainda não está satisfeito, buscará emocionar-se com prazeres anormais e que até envergonha nomear. Mais uma vez numa sociedade decadente e envilecida, podem-se esquecer os bons costumes.

Haverá homens que não terão *afeto natural* (*astorgos*). A palavra grega *storge* emprega-se especialmente para referir-se ao *amor filial*, ao amor entre pais e filhos. Se não existir o afeto humano, não pode existir a família. Nas épocas terríveis os homens estarão tão ensimesmados que até os laços mais íntimos não serão nada para eles. Em sua busca egoísta dos prazeres da vida, se negarão a reconhecer até os deveres fundamentais e os laços sobre os quais está edificada a vida.

Haverá homens *implacáveis* (*aspondos*). *Sponde* significa trégua, tratado ou acordo. *Aspondos* pode significar duas coisas. Pode referir-se ao homem que abriga um ódio tão profundo e implacável que nunca pode chegar a um acordo com o homem com o qual discutiu. Ou pode significar que o homem tem tão pouca honra que pode chegar a romper e não considerar os termos de um acordo. Em qualquer caso a palavra

descreve certa aspereza e dureza de mentalidade que separa o homem de seus semelhantes com um ódio implacável. Bem pode ser que devido a nossa condição de humanos, não possamos viver sem ter diferença com nossos semelhantes, mas perpetuar estas diferenças é um dos piores de todos os pecados, e também um dos mais comuns. Quando estamos tentados a fazê-lo deveríamos escutar mais uma vez a voz de nosso bendito Senhor dizendo, até na cruz: "Pai, perdoa-lhes!".

AS QUALIDADES DA IMPIEDADE

2 Timóteo 3:2-5 (continuação)

Nestes dias terríveis os homens serão *caluniadores*. Em grego, *caluniador* era *diabolos*, precisamente a palavra que se utiliza para referir-se ao *diabo*. O diabo é o santo padroeiro de todos os caluniadores, e o amo de todos eles. Neste sentido a calúnia é o mais cruel de todos os pecados. Se roubam os bens de uma pessoa, pode refazer sua fortuna; mas se lhe tiram seu bom nome, faz-lhe um dano irreparável. Uma coisa é lançar no ar uma informação malvada e falsa, e outra muito diferente é detê-la. Muitos homens, e muitas mulheres, que nunca sonhariam em colocar suas mãos nos bolsos de outras pessoas e lhes roubar seu dinheiro ou seus pertences, não se detêm — e até encontram prazer nisso — em fazer correr uma história que arruíne o bom nome de outra pessoa, sem sequer tentar averiguar se a história é ou não certa. Há suficientes calúnias em cada povo, e com frequência em algumas igrejas, para fazer chorar o anjo que tudo o registra ao escrever estas cruéis palavras.

Haverá homens *intemperantes* (*akrates*). O verbo *kratein* significa *controlar*, ter poder sobre algo. O homem pode chegar a um grau em que, longe de controlá-lo, converta-se no escravo de um hábito ou de um desejo. Esse caminho é inevitavelmente o caminho à ruína, porque ninguém pode dominar nada a não ser que em primeiro lugar se domine a si mesmo.

Haverá homens *cruéis*. A palavra é *anemos*, e seria melhor aplicada a uma besta selvagem que a um ser humano. Denota uma selvageria que não tem sensibilidade nem simpatia. Os homens podem ser selvagens para repreender, podem sê-lo também por suas ações sem piedade. Até um cão se arrepende quando machuca a seu amo, mas há pessoas que, em seu trato para com outros, carecem de toda humana simpatia e sentimentos.

AS QUALIDADES DA IMPIEDADE

2 Timóteo 3:2-5 (continuação)

Nestes terríveis últimos dias os homens se converterão em *aborrecedores do bem* (*afilagathos*). Pode chegar um momento na vida de um homem em que a companhia de boas pessoas e a presença de coisas boas sejam para ele nada mais que uma moléstia. Encontra que não tem nada que lhes dizer. O fanático da música barata não encontra prazer ouvindo música boa. Aquele que se alimenta de literatura barata finalmente deixará de encontrar prazer nas grandes obras mestras. Seu paladar mental perde sensibilidade: O homem que se afundou muito, quando encontra a companhia, a conversação e até a presença de gente boa, sente isso como algo que só deseja evitar.

Haverá homens *traidores*. A palavra grega (*prodotes*) significa nada menos que *traidor*. Devemos lembrar que isto se escreveu no começo dos anos de perseguição, justo no começo do momento em que se estava convertendo num crime o ser cristão. Neste momento particular, além do cristianismo, nos assuntos comuns da política, uma das maldições de Roma era a existência de *informantes* (*delatores*). As coisas iam tão mal que Tácito pôde dizer: "Aquele que não tinha inimigos era traído por seu amigo". Havia aqueles que gratificavam um velho rancor, e se vingavam de um inimigo informando contra ele. No que Paulo está pensando aqui é mais que na falta de fidelidade na amizade — ainda que já é bastante ferino — está pensando naqueles que para satisfazer um velho ódio,

gratificar um velho rancor, ganhar a recompensa barata do momento, delatavam os cristãos perante o governo romano.

Haveria homens *impetuosos* nas palavras e na ação. A palavra é *propetes*; significa descuidado, precipitado. Descreve à pessoa levada pela paixão, pelo impulso e pelo desejo a ponto que é totalmente incapaz de pensar prudente e sensivelmente. Faz-se muito mais danifico por falta de consideração que por qualquer outra coisa. Muitas vezes nos salvaríamos de nos ferir a nós mesmos e a outras pessoas, se só nos detivéssemos a pensar.

Haverá homens *enfatuados (tetufomenos)*. Estarão envaidecidos, engrandecidos por sua própria importância. Ainda existem dignatarios da Igreja cujo pensamento principal é sua própria dignidade. O cristão é o seguidor e o discípulo daquele que era humilde e singelo de coração.

Haverá homens que amavam *os prazeres mais do que a Deus*. Voltamos no começo; tais pessoas põem no centro de suas vidas seus próprios anelos e desejos. adoram-se a si mesmos em lugar de adorar a Deus.

A acusação final a estas pessoas é que retêm a forma exterior da religião, mas negam seu poder. Ou seja, recitam os credos ortodoxos, seguem os movimentos de um correto e digno ritual, liturgia e adoração; mantêm todas as formas externas da religião; mas não sabem nada da religião como poder dinâmico que muda a vida dos homens.

Diz-se que, logo depois de ouvir um sermão evangelístico, Lorde Melbourne assinalou uma vez: "As coisas chegaram ao cúmulo, quando se permite que a religião invada a esfera da vida privada".

Bem pode ser que o maior impedimento da religião não seja o pecador total, mas sim o devoto brando de impecável ortodoxia e digno convencionalismo, que se horroriza quando se sugere que a verdadeira religião é um poder dinâmico que muda a vida pessoal do homem. Ninguém deveria nem sequer aproximar-se do cristianismo se não estiver

preparado para experimentar uma revolução pessoal através do poder transformador de Jesus Cristo.

SEDUÇÃO EM NOME DA RELIGIÃO

2 Timóteo 3:6-7

A emancipação cristã da mulher trouxe inevitavelmente seus problemas. Já vimos quão encerrada era a vida das mulheres gregas respeitáveis, como eram criadas sob a vigilância mais estrita, como não eram permitidas "ver, escutar ou fazer perguntas", como nunca apareciam em público nem sequer saíam sozinhas de compras e como nunca lhes permitia aparecer numa reunião pública. Inevitavelmente o cristão mudou isto, e inevitavelmente surgiu um novo conjunto de problemas. Podia-se esperar, não podia ser de outra forma, que houvesse certas mulheres que não soubessem usar sua nova emancipação e sua nova liberdade. Havia falsos mestres que rapidamente tiraram vantagem disto.

Irineu descreve vividamente os métodos de tais mestres em seus dias. Na verdade, Irineu nos relata algo que aconteceu numa época posterior a esta, mas a desgraçada história seria a mesma (Irineu, *Contra as heresias*, I, 13. 3. Houve certo herege chamado Marcos que fazia magias e encantamentos. "Dedica-se especialmente às mulheres e a aquelas de boa criação, que vestem elegantemente e têm grandes riquezas". Diz a estas mulheres que por meio de suas magias e encantamentos pode fazê-las profetizar. A mulher pode protestar dizendo que nunca fez tal coisa, e que não poderá fazê-lo. Ele lhes responde; 'Abre sua boca, fala sobre tudo o que lhe ocorra, e você profetizará'. A mulher, intensamente emocionada, o faz, e se engana, pensando que pode profetizar. "Logo se esforça em recompensar a Marcos, não só com o dom de suas posses (em cuja forma ele juntou uma grande fortuna), mas também entregando-lhe sua pessoa, desejando em todas formas estar

unida a ele, para poder chegar a ser uma com ele". A técnica seria a mesma nos dias de Timóteo.

Duas seriam as maneiras em que estes hereges dos dias de Timóteo exerciam sua maligna influência. Devemos lembrar que eram gnósticos; e devemos lembrar que o princípio básico do gnosticismo era que o espírito era totalmente bom e a matéria totalmente desprezível. Já vimos que este ensino dava lugar a duas coisas. Os hereges gnósticos ensinavam que, se a matéria era totalmente má, devia-se praticar um rígido ascetismo, e se deviam eliminar o corpo e todas as coisas pertencentes a ele, ou, se o corpo era maligno, não importava o que se fazia com ele, e portanto os desejos do corpo podiam ser satisfeitos e considerados com indulgência até o limite porque não importavam. Os insinuadores gnósticos ensinavam estas doutrinas a mulheres impressionáveis. O resultado era que a mulher rompia as relações maritais com seu marido, para viver como asceta, ou dava rédea solta aos instintos mais baixos e se abandonava à relação promíscua com os homens. Em qualquer dos dois casos se destruía o lar e a vida familiar.

Ainda é possível que um mestre ou dirigente obtenha uma influência indevida e insana sobre outras pessoas, especialmente quando essas pessoas são impressionáveis e podem ser influenciadas facilmente, ou são muito sensíveis e instáveis. Nenhum ensino que rompa e interrompa os laços sagrados do lar e da família poderá ser boa.

A acusação de Paulo é que esta gente "está desejando aprender de qualquer um, e entretanto, nunca podem chegar ao conhecimento da verdade". E. F. Brown assinalou o perigo do que chama "curiosidade intelectual sem seriedade moral". Existe um tipo de pessoa que está desejosa de discutir toda nova teoria, que sempre se encontra profundamente envolta no último movimento ou grupo religioso em moda, mas que é totalmente incapaz de aceitar a disciplina diária — e até a tarefa — de viver a vida cristã. A curiosidade intelectual não pode tomar o lugar da seriedade moral. Não nos compete fazer titilar nossas

mentes com as últimas loucuras intelectuais; corresponde-nos purificar e fortalecer nossas vidas na batalha moral para viver a vida cristã.

OS QUE SE OPÕEM A DEUS

2 Timóteo 3:8-9

Nos dias entre o Antigo e o Novo Testamento se escreveram muitos livros judeus que expandiam as histórias do Antigo Testamento e lhes adicionavam novos materiais e detalhes. Em alguns destes livros figuram muito Janes e James. Janes e Jambres eram os nomes que se deram aos magos da corte do Faraó que se opuseram a Moisés e Arão, quando Moisés estava tirando o povo de Israel de seu cativeiro no Egito. Em princípio estes magos puderam igualar as maravilhas que Moisés e Arão faziam, mas finalmente foram derrotados e desacreditados. No próprio Antigo Testamento eles não são nomeados, mas há referências a eles em Êxodo 7:11; 8:7; 9:11.

Em torno de seus nomes se juntou uma coleção completa de histórias e lendas. Dizia-se que foram os dois servos que acompanharam a Balaão quando desobedeceu a Deus (Números 22:22); dizia-se que eram parte da grande multidão heterogênea que acompanhou o povo de Israel em sua saída do Egito (Êxodo 12:38); alguns dizem que morreram ao cruzar o Mar Vermelho; outras histórias dizem que Janes e Jambres estavam atrás da realização do bezerro de ouro que estiveram entre os que morreram por esse pecado (Êxodo 28); outras histórias dizem que finalmente se converteram em prosélitos do judaísmo. Entre todas as histórias há um fato que ressalta: Janes e Jambres se converteram em figuras legendárias que tipificavam a todos aqueles que se opunham a Deus, e buscavam frustrar seus propósitos, e a tarefa dos verdadeiros dirigentes divinos.

O dirigente cristão nunca deixará de ter opositores. Sempre haverá aqueles que preferem suas idéias às de Deus. Sempre haverá aqueles que desejam exercer seu poder e influência sobre o povo e que se rebaixarão

a qualquer coisa a fim de obtê-lo. Sempre haverá aqueles que tenham suas próprias idéias retorcidas a respeito da fé cristã, e que desejarão ganhar outros para suas crenças equivocadas. Mas Paulo estava seguro de uma coisa: os dias dos que enganavam estavam contados. demonstraria-se sua falsidade; e receberiam seu lugar e recompensa apropriados.

A história da Igreja cristã nos ensina uma coisa: a falsidade não pode sobreviver. Poderá florescer por um tempo, mas ao ser exposta à luz da verdade fica fadada a murchar e morrer. Só existe uma prova para a falsidade: "Por seus frutos os conhecereis". A melhor maneira de vencer e anular o falso é viver de tal forma que a beleza, a harmonia e a graça da verdade estejam à vista de todos. A derrota do erro depende, não da sagacidade na controvérsia, mas sim da demonstração na vida do caminho melhor.

DEVERES E QUALIDADES DE UM APÓSTOLO

2 Timóteo 3:10-13

Aqui Paulo compara a conduta de Timóteo, seu discípulo fiel, com a dos hereges que estão fazendo tudo o que podem para arruinar à Igreja. O que se traduz por *seguiste* é uma palavra tão inclusiva que é impossível traduzi-la com uma só palavra. É a palavra grega *parakolouthain*, que significa literalmente *seguir ao lado*; mas em grego é utilizada com uma irrestrita amplitude de significado. Significa seguir a uma pessoa *fisicamente*, apegar-se a ela não importa o que aconteça, estar a seu lado para o bem ou para o mal. Significa seguir a uma pessoa *mentalmente*, assistir diligentemente a seu ensino, e compreender totalmente o significado e o sentido do que quer dizer. Significa seguir a uma pessoa *espiritualmente*, não só para compreender o que diz, mas também para levar a cabo suas idéias, e ser o tipo de pessoa que ela deseja que sejamos. *Parakolouthain* é de fato a palavra para o discípulo, porque inclui a fidelidade inamovível do verdadeiro camarada, a

compreensão plena do verdadeiro aluno, e a completa obediência de um servo dedicado.

Logo Paulo continua com uma lista de uma série de coisas em que Timóteo foi seu seguidor e seu discípulo; e o interessante dessa lista é que consiste nas fios e cabos dos quais estão tecidas a vida e a obra de um apóstolo. Nela encontramos os *deveres*, as *qualidades* e as *experiências* de um apóstolo.

Em primeiro lugar, pois, figuram os *deveres* de um apóstolo. Vem o *ensino*. Ninguém pode ensinar o que não sabe, e portanto antes de que uma pessoa possa falar a respeito de Jesus a outros, deve conhecê-lo pessoalmente. Quando o pai do Carlyle estava discutindo a respeito do tipo de pastor que necessitava sua paróquia, disse: "O que esta paróquia precisa é um homem que conheça Cristo mas não de segunda mão". O verdadeiro ensino nasce sempre da verdadeira experiência. Vinha a *conduta*. A vida cristã não consiste somente em saber algo; consiste mais ainda em ser algo. A tarefa do apóstolo não é só dizer aos homens a verdade; é também ajudá-los a praticá-la. A preparação que o verdadeiro líder oferece é a preparação para o viver e para a vida.

Em segundo lugar, figuram as *qualidades* do apóstolo. Antes de nada o apóstolo tem um *propósito* na vida.

Dois homens estavam falando de um grande escritor satírico que tinha manifestado preocupação moral. "Chutou o mundo como se fosse uma bola de futebol", disse um. "É certo", respondeu o outro, mas a chutou rumo ao arco".

Como indivíduos, deveríamos fazer uma pausa às vezes e nos perguntar: Qual é nosso propósito na vida? Temos algum? Como mestres devemos nos perguntar às vezes: O que estou tentando fazer com esta gente a qual ensino?

Uma vez Agesilao, o rei da Esparta deveu responder a seguinte pergunta: "O que ensinaremos a nossos jovens?" Sua resposta foi: "Aquilo que lhes seja mais útil quando forem homens".

É conhecimento ou é vida o que tentamos transmitir? Como membros da Igreja, teríamos que nos perguntar às vezes: o que estamos tentando fazer na Igreja? Não é suficiente nos sentir satisfeitos quando uma Igreja ronrona como uma dínamo, e quando cada noite da semana tem sua própria e concorrida organização. Algumas vezes deveríamos perguntar: Qual é, se existir, o propósito unificador que une toda esta atividade? Devemos lembrar sempre que em toda a vida não há nada que crie um esforço verdadeiramente produtivo, tanto como uma clara consciência de propósito e finalidade.

Assim, pois, Paulo continua com as outras qualidades de um apóstolo. Vem a *fé*, a completa confiança em Deus, a completa crença em que os mandamentos de Deus obrigam e que suas promessas são certas. Vem a *paciência*. A palavra utilizada é *makrothumia*; e, tal como a utilizavam os gregos, significava *paciência com as pessoas*. É a habilidade de não perder a paciência quando a pessoa é insensata, e de não nos irritar quando parece que não está disposta a aprender. É a habilidade de suportar a insensatez com alegria, de aceitá-la, junto com a perversidade, a cegueira, a ingratidão dos homens, e mesmo assim seguir sendo amáveis e seguir trabalhando. Vem o *amor*. O amor é a atitude de Deus para com os homens. O amor é a atitude para com os homens que suporta tudo o que eles fazem, e que se nega a zangar-se ou amargar-se, e que nunca busca nada senão o seu bem. Amar os homens é perdô-los e cuidar deles como Deus perdoa e cuida, e só Deus pode nos capacitar a fazê-lo.

A EXPERIÊNCIA DE UM APÓSTOLO

2 Timóteo 3:10-13 (continuação)

Paulo completa a lista das coisas que Timóteo compartilhou e deve compartilhar com ele, falando a respeito das experiências de um apóstolo, e encabeça essa lista de experiências mencionando a qualidade da *longanimidade*. A palavra grega é *hupomone*, que não significa

sentar-se passivamente e suportar as coisas; significa um enfrentamento triunfante das coisas, de modo que até de coisas más pode tirar-se algum bem. *Hupomone* descreve, não o espírito que *aceita* a vida, mas sim aquele que a *domina*.

E essa qualidade da longanimidade vencedora é necessária, porque a perseguição é uma parte essencial da experiência de um apóstolo. Paulo cita três casos em que teve que sofrer por Cristo. Foi expulso de Antioquia da Pisídia (Atos 13:50); teve que fugir de Icônio para evitar que o linchassem (Atos 14:5-6); em Listra foi apedrejado e o deu por morto (Atos 14:19). É certo que estas coisas aconteceram antes de que o jovem Timóteo tivesse entrado definitivamente no caminho cristão, mas sucederam no distrito do qual provinha Timóteo; e ele poderia ter sido testemunha delas. Pode tratar-se de uma prova da coragem e da consagração de Timóteo, já que pôde ver claramente o que poderia lhe acontecer e aconteceu ao apóstolo, e não obstante não duvidou em escolher a Paulo.

Paulo estava convencido de que o verdadeiro seguidor de Cristo, o homem que leva uma vida consagrada, não pode escapar à perseguição. Quando os tessalonicenses se encontraram com problemas, Paulo lhes escreveu: "Pois, quando ainda estávamos convosco, predissemos que íamos ser afligidos, o que, de fato, aconteceu e é do vosso conhecimento" (1 Tessalonicenses 3:4). É como se lhes houvesse dito: "Foram advertidos". Quando Paulo realizou sua viagem de volta da primeira viagem missionária, visitou as igrejas que tinha baseado: "fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus" (Atos 14:22). O Reino tinha seu preço. E Jesus mesmo havia dito: "Bem-aventurados os que padecem perseguição por causa da justiça" (Mateus 5:10). Se alguém decide aceitar um conjunto de normas que são muito distintas das normas do mundo, com certeza terá problemas. Se alguém decide introduzir em sua vida uma fidelidade que ultrapassa todas as fidelidades terrestres, se produzirão choques e

colisões. E isso é precisamente o que o cristianismo exige que o homem faça, e o que o cristão promete fazer.

Virá a perseguição, as dificuldades, os problemas e as privações, mas Paulo está seguro de duas coisas.

Está seguro de que Deus resgatará o homem que tenha fé nEle. Está seguro que com o passar do caminho é melhor sofrer com Deus e com a verdade que prosperar com os homens e a mentira. Embora Paulo esteja seguro da perseguição transitiva, está igualmente seguro da glória final.

Está seguro de que o homem mau e sem Deus irá de mal a pior: Para dizer em linguagem atual, Paulo tem certeza de que literalmente não há futuro para o homem que se nega a aceitar o caminho de Deus.

O VALOR DAS ESCRITURAS

2 Timóteo 3:14-17

Paulo conclui esta seção com um chamado a Timóteo para que permaneça fiel a todo o ensino que recebeu. Por ascendência materna, Timóteo era judeu, apesar de que seu pai tinha sido grego (Atos 16:10). E está claro que tinha sido criado por sua mãe. A glória dos judeus era que seus filhos desde seus mais anteriores dias fossem ensinados e treinados na Lei. Os judeus declaravam que seus filhos aprendiam a Lei até estando em fraldas, e que a bebiam no leite de suas mães. Sustentavam que a Lei estava tão impressa no coração e na mente do menino judeu que antes de esquecer-se dela, podia esquecer seu próprio nome. De modo que desde a mais tenra infância Timóteo conhecia a palavra de Deus. Devemos lembrar que as Escrituras de que fala Paulo são o Antigo Testamento, porque, é obvio, ainda não existia o Novo. E se o que Paulo diz sobre o Antigo Testamento é certo, quanto mais o é com relação às preciosas palavras do Novo Testamento.

Devemos notar aqui que Paulo faz uma distinção. Fala de "toda a Escritura é inspirada por Deus". Os gnósticos tinham seus próprios livros imaginativos e fantásticos; os hereges produziam sua própria literatura

para sustentar e expandir suas idéias; Paulo considerava estas coisas como obras humanas. Livros como esses não ajudam o homem; os grandes livros para o coração do homem são os inspirados por Deus que o tempo, a tradição e a experiência dos homens consagraram e santificaram.

Vejamos, pois, o que diz Paulo a respeito da utilidade das Escrituras.

(1) Diz que as Escrituras outorgam *sabedoria para a salvação*.

A. M. Chirgwin no *The Bible in World Evangelism* relata a história de uma chefe de enfermeiras num hospital de meninos na Inglaterra. Estava achando que a vida, como ela mesma o disse, vã e sem sentido. Tinha percorrido livro após livro, e tinha trabalhado com uma filosofia e outra num intento de encontrar satisfação. Nunca tinha buscado ler a Bíblia, porque um amigo a tinha convencido por meio de argumentos sutis de que a Bíblia não era certa, e que não podia lê-la. Um dia uma visita veio a seu pavilhão e deixou como presente uma certa quantidade de evangelhos. Convenceu a enfermeira para que tomasse e lesse uma cópia de João "A verdade brilhava nele com sua luz", disse, "e todo meu ser respondia a ela. As palavras que finalmente me decidiram foram aquelas de João 18:37: "Eu para isto nasci, e para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade, ouve a minha voz." De modo que escutei essa voz, e a ouvi e encontrei a meu Salvador".

Várias vezes as Escrituras têm aberto a homens e mulheres o caminho a Deus. Falando com justiça, nenhuma pessoa que está buscando a verdade tem o direito de deixar de ler a Bíblia. Um livro com a história da Bíblia não pode ser desprezado. Até um não crente está agindo injustamente se não buscar lê-la. As coisas mais surpreendentes podem acontecer se o faz, porque nela há uma sabedoria salvadora que não existe em nenhum outro livro.

(2) As Escrituras são úteis para *ensinar*. É bem certo que só no Novo Testamento temos uma descrição de Jesus, um relato de sua vida, e

um registro de seus ensinamentos. Por essa mesma razão é indubitável que, diga-se o que se diga sobre o resto da Bíblia, é impossível que a Igreja exista sem os Evangelhos. É perfeitamente certo — como tantas vezes o dissemos e tão enfaticamente — que o cristianismo não está baseado num livro impresso, mas em uma Pessoa que vive, mas também é certo que o único lugar em todo mundo em que obtemos um conhecimento direto dessa Pessoa e de seus ensinamentos é no Novo Testamento. Essa é a razão pela qual uma Igreja que não tem Escola Dominical é uma Igreja em cuja tarefa falta um elemento essencial e insubstituível.

(3) As Escrituras são valiosas para *repreender*. Não se quer dizer com isto que as Escrituras são valiosas para encontrar falhas; o que se quer significar é que são valiosas para *convencer*, para fazer o homem ver o errado de seu caminho, e para assinalar o caminho reto.

A. M. Chirgwin tem diversas histórias a respeito de como as Escrituras chegaram por acaso à mãos de várias pessoas e mudaram suas vidas. No Brasil, o senhor Antônio, de Minas, comprou um Novo Testamento que levou a sua casa para queimá-lo. Foi a sua casa e sucedeu que o fogo se apagou. Acendeu-o deliberadamente. Atirou o Novo Testamento nele. Este não se queimava. Abriu as páginas para que se queimasse mais facilmente. Fez isso no Sermão da Montanha. Olhou-o ao jogá-lo nas chamas. Sua atenção foi captada; tomou novamente. "Leu, esquecendo-se da hora, durante toda a noite, e ao amanhecer pôs-se de pé e declarou: 'Creio'."

Vicente Quiroga, do Chile, encontrou umas poucas páginas de um livro desbotado trazido à costa por uma onda depois de um terremoto. Leu-as. Não descansou até que obteve o resto da Bíblia. Não só converteu-se num cristão, mas ainda dedicou o resto de sua vida à distribuição das Escrituras nas vilas esquecidas do Norte do Chile.

Um colportor foi atacado uma noite escura por ladrões num bosque da Sicília. Foi assaltado à ponta de revólver. Foi-lhe ordenado que acendesse uma fogueira e queimasse seus livros. Acendeu o fogo, e logo pediu que fosse permitido ler um pouco de cada livro antes de jogá-lo no

fogo. De um leu o Salmo 23; de outro a história do Bom Samaritano; de outro o Sermão da Montanha; de outro 1 Coríntios 13. No final de cada livro os ladrões diziam: "Esse é um bom livro; não o queimaremos; dêem-nos isso ." Finalmente não se queimou nenhum livro; os ladrões deixaram o colportor e voltaram para a escuridão com os livros. Anos mais tarde apareceu um deles. *Esta vez era um ministro cristão* e atribuiu sua mudança à leitura daqueles livros.

Está mais além de toda dúvida e de todo argumento que as Escrituras podem tirar o homem de seu erro e convencê-lo do poder de Cristo.

(4) As Escrituras são úteis para *corrigir*. O verdadeiro significado disto é que todas as teorias, todas as teologias, todo o ensino ético devem ser comprovadas. Comparando-as com os ensinamentos da Bíblia. Se as contradisserem, então devem ser rejeitadas. É um dever obrigatório utilizar nossas mentes; é nossa responsabilidade fazê-las conhecer; a especulação e o pensamento são uma necessidade cristã. Mas esta prova deve estar sempre de acordo com o ensino de Jesus Cristo como nos apresentam as Escrituras.

(5) Mas Paulo apresenta um argumento final. O estudo das Escrituras instrui o homem em justiça até que está preparado para toda boa obra. Esta é a conclusão essencial. O estudo das Escrituras não deve ser nunca egoísta; não deve ser nunca para a bem da própria alma do homem. Qualquer mudança, qualquer conversão que faça pensar ao homem nada mais que no fato de que ele está salvo não é uma mudança nem uma conversão verdadeiras. Deve estudar as Escrituras para fazer-se útil a Deus e útil a seus semelhantes. Deve estudar, não simples e somente para salvar sua própria alma, senão para converter-se numa pessoa que Deus possa utilizar para salvar as almas e confortar as vidas de outros. Ninguém é salvo a não ser que esteja inflamado pelo afã de salvar a seus semelhantes.

2 Timóteo 4

O fundamento do chamado de Paulo - 4:1-6

O dever do cristão - 4:1-6 (cont.)

Ouvintes insensatos - 4:1-6 (cont.)

Paulo chega ao fim - 4:7-8

A alegria de ter combatido o bom combate - 4:7-8 (cont.)

Uma lista de honra e de desonra - 4:9-15

Uma lista de honra e de desonra - 4:9-15 (cont.)

Uma lista de honra e de desonra - 4:9-15 (cont.)

Uma lista de honra e de desonra - 4:9-15 (cont.)

Últimas palavras e saudações - 4:16-22

Um romance oculto? - 4:16-22 (cont.)

O FUNDAMENTO DO CHAMADO DE PAULO**2 Timóteo 4:1-6**

Ao chegar no final de sua Carta, Paulo deseja preparar e desafiar a Timóteo para sua tarefa. Para fazê-lo, lembra-o de três coisas que concernem a Jesus.

(1) Jesus é o juiz de vivos e mortos. Algum dia se comprovará a tarefa de Timóteo; esta comprovação será levada a cabo por ninguém mais que pelo próprio Jesus Cristo. A tarefa de um cristão deve ser o suficientemente boa, não para satisfazer aos homens, senão para satisfazer a Jesus. Deve realizar cada tarefa em forma tal que possa tomá-la e oferecê-la a Cristo. Não lhe interessam nem a crítica nem o veredicto dos homens. A única coisa que deseja é o "Muito bem!" de Jesus Cristo. Se todos dentro da Igreja e no mundo fizessemos nossa tarefa com este espírito, a diferença na vida seria incalculável. Isso nos salvaria de ter um espírito suscetível que se ofende com as críticas dos homens; isso nos salvaria do espírito de auto-valorização que se preocupa de assuntos que têm que ver com os direitos pessoais e o prestígio pessoal, isso nos salvaria do espírito centrado em si mesmo que

demanda agradecimentos e louvores dos homens por cada um de seus atos; isso nos salvaria de nos sentir feridos pela ingratidão dos homens. O cristão se concentra em Cristo.

(2) Jesus é o conquistador que retorna. “Conjuro-te... pela sua *manifestação*”, diz Paulo. A palavra que utiliza é *epifaneia*. *Epifaneia* utiliza-se de duas maneiras especiais. Refere-se à intervenção manifesta de algum deus. E é usada em especial com relação ao imperador romano. Sua ascensão ao trono do Império era sua *epifaneia*; e em particular — e este é o pano de fundo do pensamento de Paulo aqui — foi utilizada para referir-se à visita do imperador a qualquer província ou cidade. A aparição do imperador em qualquer lugar era sua *epifaneia*. Obviamente quando o imperador devia visitar qualquer lugar, todo ficava em perfeita ordem. Varriam-se e se adornavam as ruas; punha-se todo o trabalho em dia. Branqueava-se e se decorava a cidade para que estivesse preparada para a *epifaneia* do imperador. Assim, pois, Paulo diz a Timóteo: "Sabe o que acontece quando qualquer cidade está esperando a *epifaneia* do imperador; você está esperando a *epifaneia* de Jesus Cristo; faça seu trabalho em tal forma que tudo esteja preparado em qualquer momento que Ele chegar." O cristão ordena de tal maneira sua vida que em qualquer momento está preparado para a vinda de Cristo.

(3) Jesus é Rei. Paulo insiste com Timóteo à ação ao lembrá-lo do Reino de Jesus Cristo. Chegará o dia em que os reinos do mundo serão o Reino do Senhor. Em todo reino o cidadão que obedece as leis e honra o rei é honrado ele mesmo. Assim que Paulo diz a Timóteo: "Viva e trabalhe de tal maneira que tenha um lugar de privilégio na lista dos cidadãos do Reino quando este chegar."

Este é nosso motivo cristão para trabalhar e servir. Nossa tarefa deve ser tal que possa suportar o escrutínio de Cristo. Nossas vidas devem ser tais que possam dar as boas-vindas à aparição do Rei. Nosso serviço deve ser tal que demonstre a realidade de nossa cidadania no Reino de Deus.

O DEVER DO CRISTÃO**2 Timóteo 4:1-6 (continuação)**

Há poucas passagens no Novo Testamento nas quais os deveres do mestre, pregador e evangelista cristão estão mais claros que aqui.

O mestre cristão deve ter urgência. A mensagem que leva é literalmente questão de vida ou morte. O mestre e o pregador que realmente levam sua mensagem às pessoas são aqueles que têm um tom fervente em suas vozes. Spurgeon tinha uma verdadeira admiração por Martineau. Martineau era unitário, e portanto negava a divindade de Jesus Cristo, enquanto que Spurgeon cria nela com uma intensidade apaixonada. E não obstante, mais de uma vez Spurgeon expressou verdadeira admiração por Martineau. Alguém disse a Spurgeon: "Como pode dizer que admira Martineau? Não crê no que prega." Spurgeon respondeu: "Eu não, *mas ele sim*." Qualquer homem com ardor em sua voz reclama, e receberá, a atenção dos demais.

O mestre cristão deve *persistir*. Tem que apresentar a mensagem de Cristo "quer seja oportuno, quer não". Como Teodoro de Mopsueste o assinalou: "O cristão deve considerar que todo momento é uma oportunidade para falar de Cristo." Dizia-se que sempre que ele conversava com George Morrison, da Wellington Church, de Glasgow, chegava-se a Cristo. Isto não quer dizer que não devemos escolher o momento de falar, porque há uma cortesia na evangelização como há em qualquer outro contato humano; mas sim significa que bem podemos ser muito tímidos para falar com outros a respeito de Jesus Cristo.

Paulo continua falando do efeito que deve produzir o mestre, o pregador e a testemunha cristãs.

Deve *replicar*. Deve fazer com que o pecador se dê conta de seu pecado. Walter Bagehot disse uma vez: "O caminho à perfeição atravessa uma série de desgostos." De uma maneira ou outra deve-se fazer com que o pecador se sinta aborrecido consigo mesmo e com seu pecado. Epicteto descreve o contraste entre o falso filósofo, que busca a

popularidade, e o verdadeiro, cujo único fim é o bem dos que o escutam. O falso filósofo diz aos que o escutam que é uma pessoa de grandes habilidades, sinceridade e legitimidade. Busca a adulação; gaba-se com sua auto-estima. O convite do verdadeiro filósofo é: "Convido-os a vir e ouvir que estão no caminho equivocado — que vocês não sabem que coisas são boas e quais são más — que são infelizes e desafortunados." "A conferência de um filósofo é uma cirurgia; ao a pessoa retirar-se não deve ter sentido prazer, mas sim dor." Alcibíades, o brilhante mas corrompido ateniense, estava acostumado a dizer a Sócrates: "Sócrates, eu te odeio, porque cada vez que me encontro contigo, faz-me ver o que sou." O essencial em primeiro lugar é obrigar o homem a ver-se como é.

Deve *repreender*. Nos grandes dias da Igreja havia uma intrepidez total em sua voz. E devido ao fato de que a Igreja não temia, aconteciam coisas.

E. F. Brown nos relata um incidente ocorrido na Índia. Havia certo jovem nobre numa suíte na casa do vice-rei em Calcutá que ficou famoso por sua libertinagem e maus hábitos. Um dia o Bispo Wilson pôs suas vestimentas, dirigiu-se à Casa de Governo e disse ao vice-rei: "Sua excelência, se o Lorde... não deixa Calcutá antes do próximo domingo, eu o denunciarei do púlpito da catedral." Antes de que chegasse no domingo o jovem tinha ido embora. Ambrósio de Milão foi uma das grandes figura da Igreja primitiva. Era amigo íntimo de Teodósio, o Imperador, quem era cristão mas tinha um temperamento violento e ingovernável. Ambrósio nunca vacilou em dizer a verdade ao Imperador. Dizia: "Quem ousará te dizer a verdade se não o fizer um sacerdote?" Teodósio tinha nomeado a um de seus amigos íntimos, Botherich, como governador de Tessalônica. Botherich era um bom governador. Teve ocasião de encarcerar a um famoso auriga por conduta infamante. A popularidade destes aurigas era incrível. O povo se levantou em rebelião e assassinou Botherich. Teodósio estava enlouquecido de ira. Ambrósio lhe rogou que discriminasse ao castigar, mas Rufino, seu ministro de Estado, deliberadamente acendeu ainda mais sua irritação. Teodósio

enviou ordens para que se realizasse uma matança de vingança em Tessalônica. Mais tarde enviou uma contra-ordem, mas era muito tarde para que esta nova ordem chegasse a Tessalônica a tempo. O teatro de Tessalônica tinha repleta sua capacidade; fecharam-se as portas; e os soldados de Teodósio entraram matando homens, mulheres e meninos durante três horas. Foram, assassinadas mais de sete mil pessoas. Chegaram notícias do massacre a Milão. Teodósio se apresentou na igreja no domingo seguinte. Ambrósio se negou a admiti-lo. O imperador rogou que lhe perdoasse. Passaram oito meses e mais uma vez foi à igreja. Outra vez Ambrósio lhe negou a entrada. Finalmente o Imperador de Roma teve que permanecer prostrado no solo com os penitentes antes de que lhe fosse permitido novamente adorar na igreja. Em seus dias de grandeza a Igreja não temia repreender.

Em nossas relações pessoais uma palavra de advertência e de repreensão salvaria muitas vezes a um irmão de um pecado e de muitas quedas. Mas, como alguém disse, essa palavra deve ser tal como "irmão corrigindo a outro irmão". Deve ser pronunciada com consciência de nosso pecado comum. Não está em nós levantar-nos como juízes morais de ninguém; não obstante, é nosso dever dizer a palavra de advertência quando é necessário.

Deve *exortar*. Este é o outro lado da questão. Nenhuma reprimenda, nenhuma sentença condenatória deveria ser tal que levasse o homem ao desespero e lhe tirasse o ânimo e a esperança. Não só se deve repreender os homens, deve exortar-se também. A exortação é um dever ao menos tão cristão como a reprimenda.

Ainda mais, o dever cristão da sentença condenatória, da reprimenda, da exortação deve ser levado a cabo com uma *paciência* infatigável. A palavra é *makrothumia*, e descreve o espírito que nunca se irrita, nunca se zanga, nunca se cansa, nunca desespera; descreve o espírito que nunca perde sua fé na natureza humana, e nunca considera a ninguém perdido e sem possibilidade de salvação. O cristão crê

pacientemente nos homens porque crê poderosamente no poder de Cristo que tudo transforma.

OUVINTES INSENSATOS

2 Timóteo 4:1-6 (continuação)

Logo Paulo continua descrevendo os ouvintes insensatos. Adverte a Timóteo que chegará o dia em que os homens decidirão não ouvir os ensinamentos verdadeiros e buscarão mestres que causem prazer a seus ouvidos com seus ensinamentos agradáveis, lisonjeiros e novos, e que lhes dirão precisamente as coisas fáceis e confortáveis que desejam ouvir.

Na época de Timóteo era tragicamente fácil encontrar tais mestres. Eram chamados *sofistas*. Iam de cidade em cidade, oferecendo ensinar qualquer coisa em troca de pagamento. Sócrates diz deles: "Tratam de atrair alunos com tarifas baixas e grandes promessas. Estavam preparados para ensinar todas as virtudes por 30 ou 40 dólares. Podiam ensinar a uma pessoa a discutir com sutileza e a usar sagazmente as palavras até que pudesse fazer com que as piores razões parecessem como as melhores. Platão os descreveu sem piedade: "Caçadores de homens jovens de riqueza e posição, com educação fingida como suas presas, e uma tarifa para seu objetivo; fazem dinheiro utilizando cientificamente argúcias na conversação privada, ainda que saibam muito bem que o que estão ensinando está equivocado."

Competiam pela clientela. Dião Crisóstomo escreveu a respeito delas: "Pode-se ouvir a muitos pobres e arruinados sofistas gritando e faltando com o respeito, e a seus discípulos, como os chamam, disputando, e muitos escritores de livros lendo suas estúpidas composições, e muitos poetas cantando seus poemas e muitos histriões exibindo suas maravilhas, e muitos adivinhos dizendo o significado dos prodígios, e a dez mil retóricos retorcendo juízos, e a um número não menor de comerciantes oferecendo seus diversos produtos."

Os homens nos dias de Timóteo estavam rodeados de falsos mestres que apregoavam seus inúteis conhecimentos. Sua política deliberada era a de encontrar argumentos e ensinos por meio das quais o homem pudesse justificar-se por fazer o que desejava. Até hoje qualquer mestre cujo ensino tenda a fazer com que os homens não considerem seus pecados, é uma ameaça para o cristianismo e para a humanidade.

Em contraste, Timóteo deve ser responsável por certos deveres.

Deve *ser sóbrio em tudo*. A palavra (*nefein*) significa que deve ser moderado e ter domínio próprio, como um atleta que tem suas paixões, seus apetites e seus nervos sob controle. Hort diz que a palavra descreve "um estado mental livre de toda perturbação ou estupefação... todas as faculdades estão dominadas, todos os fatos e todas as considerações são enfrentadas deliberadamente." O cristão não é vítima de loucuras. A estabilidade é o distintivo do cristão num mundo desequilibrado e muitas vezes insano.

Deve *suportar as aflições*. O cristianismo tem seu preço, e o cristão deve pagá-lo sem protestar e sem lhe lamentar

Deve *fazer o trabalho de um evangelista*. Apesar das sentenças condenatórias, da reprimenda, da advertência, o cristão é essencialmente um *portador das boas novas*. Se o cristão insistir na disciplina e na negação de si mesmo, é porque é possível obter uma felicidade muito maior que a que jamais poderão outorgar os prazeres baratos do mundo.

Deve *cumprir seu ministério*. O cristão tem só uma ambição: ser de utilidade para a Igreja da qual forma parte, e para a sociedade em que vive. A oportunidade que não deve perder não é o do lucro fácil; é a oportunidade de ser servidor a seu Deus, sua Igreja e seus semelhantes.

PAULO CHEGA AO FIM

2 Timóteo 4:7-8

Para Paulo agora o fim estava muito perto, e ele sabia. Quando Erasmo estava envelhecendo, disse: "Sou um veterano, ganhei minha

jubilação, devo deixar o posto de luta dos homens jovens." Paulo, o velho guerreiro, está deixando suas armas para que Timóteo as tome.

Não há outra passagem no Novo Testamento mais cheia de vívidas descrições.

"Minha vida", diz Paulo, "chegou ao momento em que deve ser sacrificada." A palavra que Paulo utiliza aqui para *sacrificada* é o verbo *spendesthai*. *Spendesthai* literalmente significa *derrubar como uma libação para os deuses*. Toda comida romana terminava com uma espécie de sacrifício. Tomava-se uma taça de vinho e a derrubava (*spendesthai*) para os deuses. É como se Paulo dissesse: "O dia terminou; é hora de que me levante e vá; minha vida deve ser oferecida como um sacrifício a Deus." Não pensava que ia ser executado; pensava que ia oferecer sua vida a Deus. Sua vida não lhe era tirada; estava-a entregando. Desde o momento de sua conversão Paulo devotou tudo a Deus: seu dinheiro, sua erudição, sua força, seu tempo, o vigor de seu corpo, a clareza de sua mente, a devoção de seu coração apaixonado. Só ficava por oferecer a própria vida, e Paulo ia entregá-la com alegria.

Continua dizendo: "O tempo de minha partida está próximo." A palavra que utiliza para partida é vívida; é a palavra *analysis*, e contém muitas figuras, cada uma das quais nos diz algo a respeito de deixar esta vida.

(a) É a palavra que descreve a ação de desprender o animal do jugo de um carro ou um arado. A morte era para Paulo um descanso do trabalho. Ele se sentiria contente ao deixar cair a carga. Como o assinalou Spencer, o descanso depois do trabalho, o porto logo depois de um mar tormentoso, a morte depois da vida, são coisas formosas. Logo depois de uma vida atormentada, dormiria bem.

(b) É a palavra que significa deixar soltos os laços ou as cadeias. A morte para Paulo era uma libertação e um alívio. ia mudar o confinamento de uma cárcere romana pela gloriosa liberdade dos átrios do céu.

(c) Significa afrouxar as amarras de uma tenda. Para Paulo chegava o momento de novamente levantar acampamento. Tinha feito muitas viagens através dos caminhos da Ásia Menor e da Europa. Agora estava começando sua última e grandiosa viagem; estava tomando o caminho que levava a Deus.

(d) Significa soltar as amarras de um barco. Muitas vezes Paulo tinha navegado pelo Mediterrâneo, e havia sentido como o barco deixava o porto rumo às águas profundas. Agora estava por lançar-se à profundidade maior de todas; estava içando as velas para cruzar as águas da morte e atracar no porto da eternidade.

De modo, pois, que para o cristão, morrer é deixar uma carga para descansar. É romper as cadeias e sentir-se livre. É levantar acampamento para tomar residência nos lugares celestiais. É soltar as amarras que atam a este mundo para içar as velas numa viagem que finaliza na presença de Deus. Quem temerá esta morte, então?

A ALEGRIA DE TER COMBATIDO O BOM COMBATE

2 Timóteo 4:7-8 (continuação)

Paulo continua falando ainda com essas descrições vívidas que dominava tão bem: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé.” É provável que Paulo aqui não esteja utilizando três exemplos diferentes de três esferas da vida, mas sim uma mesma descrição de uma esfera da vida: dos jogos.

(1) Em primeiro lugar, diz: “Combati o bom combate”. A palavra que utiliza para combate é *agon*, uma competição na arena do circo romano. Quando um atleta pode dizer realmente que fez o melhor possível, quando sai do campo consciente de que pôs até o último grama de energia na competência, quando foi uma boa luta e uma competição justa, então, ganhe ou perca, haverá satisfação em seu coração. Paulo chegou ao fim, e está muito seguro de que sua atuação foi boa.

Quando morreu a mãe do Sir James Barrie, este declarou: "Posso olhar para trás, e ver que nada ficou sem fazer." Não há maior satisfação no mundo que a de saber que fizemos o melhor possível.

(2) Em segundo lugar, Paulo diz: "Completei a carreira." Essa é precisamente a dificuldade na vida. É fácil começar; é duro terminar. Na vida é necessária a resistência, e muita gente não a tem.

Um homem muito famoso foi solicitado a deixar que escrevessem sua biografia enquanto estava vivo. Não quis absolutamente dar a permissão, e a razão para isso foi: "Vi muitos homens falharem na última volta." É fácil arruinar uma vida nobre com uma insensatez final; é fácil desmerecer um bom dossiê, em nossa tarefa no mundo e na Igreja, com algo que o danifica tudo. Mas Paulo declara que terminou a carreira.

Há uma profunda satisfação ao chegar à meta. Talvez a carreira mais famosa do mundo é a Maratona. A Batalha de Maratona foi uma das batalhas decisivas do mundo. Nela os gregos enfrentaram os persas. Se os persas tivessem ganho, a glória da Grécia nunca teria florescido. Contra disparidades temíveis, os gregos ganharam a vitória e, logo da batalha, um soldado correu durante todo um dia e uma noite para levar a notícia a Atenas. Correu direto aos magistrados de Atenas: "Alegrem-se!", ofegou, "conquistamos" e enquanto transmitia sua mensagem caiu morto. Tinha completado seu caminho e realizado seu trabalho, e não há maneira melhor para que um homem morra.

(3) Em terceiro lugar, Paulo diz: "Guardei a fé." Esta frase pode ter mais de um significado e pano de fundo. Se mantivermos o pano de fundo dos jogos é o seguinte: Os grandes jogos da Grécia eram as Olimpíadas; a estes jogos chegavam os maiores atletas do mundo; o dia antes dos jogos se reuniam todos os competidores e prestavam um juramento solene perante os deuses de que não tinham tido menos de dez meses de treinamento, e que não recorriam a nenhuma armadilha para ganhar. Prometiam guardar as normas da honra nas competências. De modo que Paulo poderia ter estado dizendo: "Guardei as normas; participei dos jogos com honra." Seria grandioso morrer sabendo que

nunca em nossas vidas transgredimos as normas da honra e da honestidade na carreira da vida.

Mas dissemos que esta frase poderia ter outros significados. Era uma frase comum no mundo dos negócios. Era a frase comum que os gregos usavam para dizer: "Mantive as condições do contrato; fui leal a meu compromisso." Se Paulo a utilizou desta maneira, quis dizer que se comprometeu a servir a Cristo, e que manteve seu compromisso, e que nunca falhou com seu Mestre. Ou ainda, poderia significar: "Mantive minha fé: não perdi nunca minha confiança, nem minha esperança." Se Paulo a utilizou desta maneira, quis dizer que fizesse bom ou mau tempo, em liberdade ou no cárcere, em todos os perigos em terra e mar, e agora perante a própria morte, nunca tinha perdido sua perfeita confiança e fé em Jesus Cristo. Dentro de seu coração havia uma esperança que nunca vacilava, que flamejou durante toda sua vida e com a qual, finalmente, enfrentou a morte.

Paulo continua dizendo que lhe está guardada uma coroa. Nos jogos da Grécia o prêmio maior era a coroa de louro. O ganhador era coroado com ela; levá-la posta era a maior honra para um atleta. Lutava por uma coroa que em poucos dias estaria murcha e enrugada. Mas Paulo sabia que lhe esperava uma coroa que nunca iria murchar.

Neste momento Paulo vai do veredicto dos homens ao de Deus. Sabia que em pouco tempo estaria perante o estrado do juízo romano, e que seu juízo só podia ter um fim. Sabia qual ia ser o veredicto de Nero, mas também conhecia o veredicto de Deus. O homem cuja vida está dedicada a Jesus Cristo é indiferente ao veredicto dos homens. Não lhe interessa se o condenam, se escuta a seu Mestre dizendo: "Muito bem!"

E logo Paulo faz soar ainda outra nota. Esta coroa não espera somente a ele; espera a todos aqueles que esperam a vinda do Rei. É como se Paulo dissesse ao jovem Timóteo: "Timóteo, meu fim está próximo; e sei que vou rumo à minha recompensa. Se você seguir meus passos, sentirá a mesma confiança e a mesma alegria quando chegar o fim." A alegria de Paulo está ao alcance de toda pessoa que combate no

na mesma batalha, que também finaliza a carreira e que também guarda a fé.

UMA LISTA DE HONRA E DE DESONRA

2 Timóteo 4:9-15

Aqui Paulo escreve uma espécie de lista de honra e de desonra de seus amigos. Alguns deles só são nomes para nós. De outros obtemos nos Atos pequenos exemplos reveladores. Podemos reconstruir algumas das histórias se nos permite utilizar nossa imaginação. Consideremos a alguns dos nomes desta lista.

A peregrinação espiritual de Demas

Primeiro na lista está Demas. Menciona-se a Demas em três oportunidades nas Cartas de Paulo; e pode ser que as três referências escondem nelas a história de uma tragédia. (1) Em Filemom 24, Demas aparece numa preparada de um grupo de homens aos que Paulo chama seus *colaboradores*. (2) Em Colossenses 4:14 se menciona a Demas sem nenhum comentário. (3) Aqui Demas é o Demas que traiu a Paulo porque amava a este mundo. Encontramo-nos aqui com a história de uma degeneração espiritual. Pouco a pouco o colaborador converteu-se no desertor; o título de honra é mudado por um nome vergonhoso.

O que aconteceu a Demas? Não podemos assegurá-lo, mas podemos adivinhá-lo.

(1) Pode ser que Demas tivesse começado a seguir a Cristo sem levar em conta o custo. Pode ser que Demas fosse uma destas pessoas que chegam a Cristo num momento de brilho espiritual. Pode ser que se encontrasse na Igreja num momento emocionalmente carregado, sem nunca ter pensado nem enfrentado o custo de ser cristão. E pode ser que Demas não fosse totalmente culpado. Há um tipo de evangelismo que proclama: "Aceite a Cristo e você encontrará descanso, paz e alegria."

Há um sentido, o mais profundo de todos, em que isto é tremendo e gloriosamente certo. Mas também é certo que é quando aceitamos a Cristo que começam nossos problemas. Até esse momento vivemos de acordo com o mundo e com suas normas. Devido a isto a vida era fácil, porque inevitavelmente seguíamos o caminho do menor esforço e íamos com a multidão. Mas uma vez que o homem aceita a Cristo, aceitou um conjunto de normas totalmente novas; compromete-se a uma atitude nova em seu trabalho, em sua relação pessoal, em seus prazeres, em sua conduta, em seu falar, nas coisas que se permitem fazer. E certamente haverá choques. Pode ser que Demas tenha sido levado à Igreja num momento de emoção, sem pensar; e então quando vieram a impopularidade, a perseguição, a necessidade de sacrifício, a solidão, o cárcere, Demas se afastou, porque nunca tinha aceito isso. Quando um homem se responsabiliza a seguir a Cristo, o essencial em primeiro lugar é que saiba o que está fazendo.

(2) Pode ser que Demas chegasse ao desgaste inevitável dos anos. Os anos têm uma forma de nos tirar os ideais, de nos satisfazer com cada vez menos, de baixar nosso nível, de nos acostumar à derrota.

Halliday Sutherland nos relata como se sentiu quando foi habilitado para agir como médico. Se na rua ou em qualquer lugar chegava o chamado: "Há um médico aqui?", emocionava-se, orgulhoso e desejoso de adiantar-se e ajudar. Mas à medida que passaram os anos, um pedido e um requerimento tal converteu-se numa moléstia. Tinha desaparecido a emoção.

W. H. Davies, o vagabundo que também foi um dos maiores poetas, tem uma passagem reveladora a respeito de si mesmo: Caminhou para ver a Abadia de Tintern, que tinha visitado pela última vez vinte e sete anos atrás; e disse, ao chegar: "Ao estar de pé ali, vinte e sete anos depois, e comparar o entusiasmo do jovem com meus indiferentes sentimentos atuais, não me senti muito contente comigo mesmo. Por exemplo, naquele momento teria sacrificado tanto a comida como o

sonho para ver qualquer coisa maravilhosa; mas agora minha prioridade não era a de buscar coisas belas."

Dean Inge tinha um sermão sobre o Salmo 91:6: "A destruição que impera ao meio-dia." Chamou-o "O perigo da Idade Média". Não há nenhuma ameaça tão perigosa nem tão insidiosa para os ideais como a ameaça dos anos. E essa ameaça só pode ser apartada e derrotada vivendo constantemente na emoção da presença de Jesus Cristo.

(3) Paulo diz de Demas que "amava a este mundo". O problema de Demas pôde ter sido muito simples e entretanto terrível. Pode ter sido simplesmente que amava a comodidade mais que a Cristo, que amava o caminho fácil mais que o caminho que levava primeiro à cruz e logo às estrelas. Pode ser que Demas preferisse ser um homem próspero no mundo a ser um cristão. Preferia uma prosperidade branda ao heroísmo atlético do caminho cristão.

Pensamos em Demas, não para condená-lo, senão para simpatizar com ele, pois muitos de nós somos como ele.

Mas é apenas possível que este seja o começo e não o final da história de Demas. O nome Demas é exatamente o mesmo que Demétrio. Demas é a forma cortada e familiar de Demétrio. Demétrio e Demas eram nomes comuns e o que estamos por sugerir agora não é necessariamente um fato histórico; mas bem poderia ter sido pela misericórdia de Deus.

Em duas oportunidades nos encontramos com um Demétrio na história do Novo Testamento. Houve um Demétrio que dirigiu a revolta dos ourives em Éfeso, que quis linchar a Paulo porque lhes tinha tirado o comércio do templo (Atos 19:25). Havia um Demétrio do qual escreve João dizendo que estava bem informado em tudo e que conhecia bem a verdade, fato do qual João era testemunha voluntária e decisiva (3 João 12). É este o começo ou o final da história? Encontrou Demétrio, o ourives, algo a respeito de Paulo e de Cristo que se enroscou em seu coração? Converteu-se a Cristo o líder hostil da revolta? Pôde ter acontecido. Seguiu então o caminho cristão, e logo, por um tempo,

abandonou-o e converteu-se em Demas, o desertor, que amava o mundo presente? E logo a graça do Senhor pôs suas mãos novamente nele, trouxe-o novamente, e o recriou e redimiu, e o converteu em Demétrio de Éfeso do qual João escreveu que era um servo da verdade, da qual falava bem? Nunca saberemos, mas é bonito pensar que a acusação de ser um desertor não foi o veredicto final na vida de Demas.

UMA LISTA DE HONRA E DE DESONRA

2 Timóteo 4:9-15 (continuação)

O gentio de quem todos falavam bem

Depois de ter falado a respeito do homem que tinha desertado, Paulo continua falando do homem que foi fiel até a morte. “Somente Lucas está comigo”, diz. Sabemos muito pouco a respeito de Lucas, e entretanto, apesar do pouco que sabemos dele, emerge como um dos personagens mais formosos do Novo Testamento.

(1) Uma coisa sabemos porque está implícita: Lucas acompanhou a Paulo em sua última viagem a Roma e na prisão. Lucas é o autor de Atos dos Apóstolos. Há certas passagens em Atos que estão escritas na primeira pessoa do plural. Há passagens nas quais se diz: “*Fizemos* isto, *fizemos* aquilo.” Podemos estar seguros de que quando Lucas escreve na primeira pessoa, está descrevendo incidentes e ocasiões nas que ele mesmo estava presente.

Atos 27 narra a detenção de Paulo em Roma, e conta esta história em primeira pessoa. Portanto podemos estar seguros de que Lucas esteve ali. Mas disso podemos deduzir algo mais. Pode ter sido certo que quando se prendia um prisioneiro para ser julgado em Roma, era-lhe permitido ter dois escravos. É então provável que Lucas se alistasse como um dos escravos de Paulo, para que fosse permitido acompanhá-lo à prisão em Roma. Não nos assombramos quando Paulo fala de Lucas

com emoção e amor em sua voz. Nenhuma devoção pode ir mais longe. Para não separar-se dele, Lucas converteu-se no escravo de Paulo.

(2) Só há outras duas referências definidas sobre Lucas no Novo Testamento. Em Colossenses 4:14 é descrito como *o médico amado*. Paulo devia muito a Lucas. Durante toda sua vida Paulo teve um agulhão em sua carne, que o atormentava; Lucas deve ter sido a pessoa que o atendia e o curava; usava sua capacidade para atenuar sua dor e para permiti-lo seguir adiante. Lucas era essencialmente um homem bom. Não parece ter sido um grande pregador nem um grande evangelista; Lucas era o homem que fez sua contribuição na forma de serviços pessoais. Deus lhe tinha outorgado o dom de curar e foi esse dom que Lucas retribuiu a Deus. A bondade é uma qualidade e uma virtude que eleva o homem acima do comum. Se puder esquecer a eloqüência, a inteligência poderá viver impressa numa página; mas a bondade vive entronizada nos corações dos homens.

O Dr. Johnson teve certos contatos com um homem jovem chamado Harry Hervey. Hervey era rico e bastante libertino. Mas Hervey tinha uma casa em Londres em que Johnson era sempre bem-vindo. Anos mais tarde se criticou muito a Hervey e o fizeram maliciosamente. Johnson disse seriamente: "Harry Hervey era um homem vicioso, mas muito bom comigo. Se chamarem a Hervey um cão eu o amarei." A bondade cobre uma multidão de pecados. Lucas era fiel e Lucas era bom.

(3) A outra referência a Lucas aparece em Filemom 24: e aqui Paulo o chama seu *colaborador*. Lucas era a pessoa que compartilhava sua tarefa. Lucas não se conformava somente em escrever; não se conformava em confinar-se à sua tarefa de médico; Lucas também colaborava. A Igreja está cheia de enganadores; a Igreja está cheia de gente que está nela mais pelo que podem obter que pelo que dão; Lucas era uma dessas pessoas valiosas; um dos que trabalham na Igreja.

(4) Há outra referência possível a Lucas no Novo Testamento. Em 2 Coríntios 8:18 é dito de "o irmão cujo louvor no evangelho está espalhado por todas as igrejas". Desde as épocas mais primitivas se

identificou a esse irmano com Lucas. Lucas era a pessoa da qual todos falavam bem. Era o amigo fiel até a morte; era o homem essencialmente bondoso; era o homem dedicado à obra. Todos sempre falarão bem de uma pessoa semelhante.

UMA LISTA DE HONRA E DE DESONRA

2 Timóteo 4:9-15 (continuação)

Ainda há outro nome nesta lista esta lista de pessoas com uma história emocionante, ainda que não relatada.

O homem que se redimiou a si mesmo

Paulo insiste com Timóteo que traga Marcos com ele “pois me é útil para o ministério”. A palavra *ministério* não é utilizada no sentido mais estreito do ministério da Igreja. Está utilizada em seu sentido mais amplo, no sentido de *serviço*. "Traz a Marcos, porque é muito útil no serviço", diz Paulo. Como assinala E. F. Scott: "Traz a Marcos, porque pode ajudar em tudo." Ou, como diríamos em nossa linguagem cotidiana: "Traz a Marcos, porque é uma pessoa útil."

Marcos teve uma carreira curiosa. Era muito jovem quando começou a igreja, mas viveu no próprio centro de sua vida. Foi à casa de Maria, a mãe de Marcos, a que se dirigiu Pedro quando escapou da prisão. Podemos supor que a casa da mãe de Marcos era o lugar de reunião central da Igreja de Jerusalém (Atos 12:12).

Quando Paulo e Barnabé começaram sua primeira viagem missionária levaram Marcos com eles — João Marcos era seu nome completo — para que os ajudasse e fosse seu assistente (Atos 13:5). Parecia como se Marcos teria sido escolhido para uma grande carreira na companhia de Paulo e a serviço da Igreja. Mas logo aconteceu algo. Quando Paulo e Barnabé deixaram Panfília e começaram a ir terra adentro por um caminho duro e perigoso que levava à meseta central da

Ásia Menor, Marcos os deixou e retornou a seu lar (Atos 13:13). Fracassaram sua integridade e sua coragem, e os abandonou.

Paulo não pôde aceitar essa deserção. Quando Paulo e Barnabé partiram em sua segunda viagem missionária, Barnabé — que era parente de Marcos (Colossenses 4:10) — pensou em levar Marcos com eles novamente. Mas Paulo se negou a ser acompanhado por um desertor; tão forte foi a discussão e tão grave a diferença que Paulo e Barnabé se separaram e, pelo que nós sabemos, nunca trabalharam juntos novamente (Atos 15:36-40). Então, houve um momento em que Marcos não era útil a Paulo, em que Paulo o considerou um desertor pusilânime e ao qual não quis de modo nenhum ter entre seus ajudantes.

Não sabemos o que aconteceu com Marcos depois. A tradição diz que foi ao Egito e que fundou a Igreja Cristã nesse país. Mas, além do que tenha feito, certamente se redimiou a si mesmo. Quando Paulo escreveu Colossenses desde sua prisão em Roma, Marcos está com ele e Paulo o recomenda à Igreja de Colossos para que o recebam. E agora, quando o fim está perto, o homem que Paulo quer junto a seu amado Timóteo, é Marcos, porque era uma pessoa útil. Marcos o desertor se converteu em Marcos o homem que pode dar uma mão para qualquer coisa no serviço de Paulo y do evangelho.

Fosdick tem um sermão com um título grandioso e alentador: "Nenhum homem precisa seguir sendo tal como é." Marcos era a prova viva disso. Marcos é nosso alento e nossa inspiração, porque foi o homem que falhou e que, entretanto, conseguiu recuperar-se.

Ainda hoje Jesus Cristo pode fazer com que o espírito covarde seja valente e fortalecer o braço fraco para o combate. Pode libertar o herói dormido na alma de todo homem. Pode converter a vergonha do fracasso na alegria do serviço triunfante.

UMA LISTA DE HONRA E DE DESONRA**2 Timóteo 4:9-15 (continuação)****Ajudantes, um estorvo e um último pedido**

A lista de pessoas continua. Não sabemos nada absolutamente dos cretenses. Tito era outro dos mais fiéis lugar-tenentes de Paulo. "Verdadeiro filho", chama-o Paulo (Tito 1:4). Quando o problema com a Igreja de Corinto o preocupava, Tito tinha sido um dos emissários de Paulo na luta por solucionar as coisas (2 Coríntios 2:18; 7:6,13; 12:18). Tíquico tinha sido encarregado de levar uma Carta aos colossenses (Colossenses 4:7) e a Carta aos Efésios (Efésios 6:21). O pequeno grupo de ajudantes estava disperso pela Igreja, porque embora Paulo estivesse no cárcere a tarefa devia prosseguir, e, Paulo devia ficar só para que sua gente espalhada pudesse ser fortalecida, guiada e confortada.

Logo vem a menção de uma pessoa que tinha embaraçado em lugar de ajudar: "Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males." Não sabemos o que fez Alexandre; mas talvez podemos deduzir que dano causou. A palavra que Paulo utiliza para dizer *causou-me* muitos males é o verbo grego *endeiknumi*. Esse verbo significa literalmente *desdobrar*; e em realidade era empregado para referir-se ao *dar informação* contra uma pessoa. Os informantes eram uma das grandes maldições de Roma nessa época. Buscavam obter favores e receber recompensas por dar informação. E pode ser que esse Alexandre fosse um cristão renegado, que foi perante os magistrados com informação falsa e calunioso contra Paulo.

Paulo tinha que transmitir certos pedidos pessoais. Queria a capa que tinha deixado na casa de Carpo, em Troas. A capa (*phainole*) era uma vestimenta grande e circular de tecido rústico. Tinha uma abertura no meio para a cabeça, e ao ser posto cobria a pessoa como um poncho,

chegando até o chão. Era uma vestimenta para o inverno e sem dúvida Paulo sentia que a prisão romana era fria.

Quer *livros*: a palavra é *bíblia*, que significa literalmente rolos de papiro; e bem pode ser que estes rolos contiveram as formas mais primitivas dos evangelhos. Queria os *pergaminhos*. Os pergaminhos podem ter sido duas coisas. Podem ter sido os documentos legais de Paulo, especialmente seu certificado de cidadania romana. O mais provável é que fossem cópias das Escrituras hebraicas, o Antigo Testamento, porque os hebreus escreviam os rolos de seus livros sagrados em pergaminhos feitos de peles de animais. O que mais desejava Paulo ao estar na prisão aguardando a morte era a palavra de Jesus e a de Deus.

Algumas vezes a história tem a estranha circunstância de repetir-se. Mil e quinhentos anos mais tarde, William Tyndale estava na prisão do Vilvorde, detido, esperando a morte, porque tinha tido a coragem de dar às pessoas a Bíblia em seu próprio idioma. Era um inverno frio e úmido, e escreve a um amigo: "Pela graça de Cristo, me mande uma capa mais abrigada, algo para abrigar minhas extremidades, uma camisa de lã, e *acima de todo minha Bíblia Hebraica*". Quando o alento frio da morte sopra sobre eles, os grandes homens desejam mais que nada a palavra de Deus para fortalecê-los e alentar suas almas.

ÚLTIMAS PALAVRAS E SAUDAÇÕES

2 Timóteo 4:16-22

Um juízo romano começava com um exame preliminar para formular a acusação precisa a ser imputada ao prisioneiro. Quando Paulo foi levado a este exame preliminar nenhum de seus amigos esteve com ele. Era muito perigoso proclamar-se amigo de um homem que era julgado com risco de sua vida.

Uma das coisas curiosas a respeito desta passagem são as reminiscências que aparecem nele do Salmo 22. "Por que me

desamparaste?”. "Nenhum esteve a meu lado". "Porque não há quem ajuda". "Todos me desampararam". "Salva-me das fauces do leão". "Assim fui libertado da boca do leão". "Se voltarão para Jeová todos os limites da terra". "Que todos os gentios ouvissem". "Porque do Senhor é o Reino". "Ele me preservará para seu reino celestial". Parece seguro que as palavras deste salmo estavam presentes na mente de Paulo. E o formoso é que este era o salmo que Jesus teve presente quando pendurava da cruz, porque é o salmo que começa dizendo: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" ainda que finalize num canto triunfal (Salmo 22:1; Mateus 27:46). Ao enfrentar a morte, Paulo se reconfortava e alentava seu coração com o mesmo salmo com que o Senhor fez o mesmo em circunstâncias similares.

Houve três coisas que alentaram a Paulo nessa hora solitária.

(1) Todos os homens o haviam abandonado, mas o Senhor estava com ele. Jesus havia dito que nunca os deixaria nem os trairia; havia dito que estaria com eles até o fim do mundo. Paulo é testemunha de que Jesus guardou sua promessa. Se fazer o correto significa estar sozinho, como dissesse Joana d'Arc, "É melhor estar sozinho com Deus".

(2) Paulo nunca se esqueceu da tarefa de proclamar a Cristo. Seria capaz de usar um tribunal romano para proclamar a mensagem de Cristo. Obedecia seu próprio mandato; em todo momento oferecia a proclamação de Cristo a todos os homens. Estava tão ocupado pensando na missão de pregar que se esquecia dos perigos. O homem perdido e imerso em sua tarefa havia conquistado o medo.

(3) Estava muito seguro do resgate final. No momento Paulo pareceria ser vítima de circunstâncias adversas. Um criminoso condenado no estrado da justiça romana; mas Paulo via mais além do momento e sabia que sua salvação eterna estava assegurada. Sempre é melhor correr perigo por um momento e estar salvo para a eternidade, que estar salvo no momento e exposto a uma eternidade de condenação.

UM ROMANCE OCULTO?**2 Timóteo 4:16-22 (continuação)**

Finalmente vêm as saudações que se enviam e se dão. Há uma saudação para Priscila e Áqüila, esse casal cujo lar foi sempre uma Igreja, em qualquer lugar que estivesse, e que num momento tinham arriscado suas vidas por Paulo (Atos 18:2; Romanos 16:3; 1 Coríntios 16:19). Há uma saudação para o galhardo Onesíforo, que tinha buscado Paulo na prisão romana (2 Timóteo 1:16) e quem, é possível, pagou com a vida essa fidelidade. Há uma saudação o Erasto, que foi enviado uma vez por Paulo como seu emissário a Macedônia (Atos 19:22) e que, é possível, mais tarde formou parte da Igreja de Roma (Romanos 16:23). Há uma saudação a Trófimo, por quem Paulo tinha sido acusado de levar uma pessoa impura ao recinto do Templo de Jerusalém (pois era gentio), um incidente pelo qual começou o último encarceramento de Paulo (Atos 20:4; 21:29). Finalmente há saudações a Lino, Pudente e Cláudia. Em listas posteriores Lino aparece como o primeiro bispo de Roma.

Em torno dos nomes de Pudente e Cláudia teceu-se um romance. Pode ser que a história seja impossível, ou ao menos improvável, mas é muito interessante para não citá-la. Houve um famoso poeta romano, escritor de epigramas, chamado Marcial, que floresceu em Roma desde o ano 66 até o ano 100 de nossa era. Dois de seus epigramas celebram o casamento de um romano de alto cargo e distinto chamado Pudente com uma dama chamada Cláudia. No segundo deles se chama a Cláudia "estranha em Roma", e diz-se que provinha de Bretanha.

Tácito nos relata que no ano 52 d.C, durante o reinado do Imperador Cláudio, certos territórios do sudeste de Bretanha foram entregues a um rei britânico chamado Cogidubnus, por sua fidelidade a Roma. Mais tarde, em 1723, uma tábua de mármore desenterrada na cidade de Chichester, na Inglaterra, comemora a edificação de um templo pagão realizada por Cogidubnus, o rei, e Pudente, seu filho.

Como vimos, isso pode significar seu genro. Na inscrição aparece o nome completo do rei e, sem dúvida em honra do imperador romano, encontramos que tinha adotado o nome de Tibério Cláudio Cogidubnus. Se esse rei tinha uma filha seu nome deve ter sido Cláudia, dados os costumes da época. Podemos levar a história mais longe. Poderia ser que Cogidubnus enviasse sua filha Cláudia a viver a Roma. Era virtualmente seguro que o fizesse, porque quando um rei estrangeiro se aliava com Roma, como o tinha feito Cogidubnus, alguns membros de sua família eram sempre enviados a Roma como hóspedes e promessa de manter o acordo. Se Cláudia foi a Roma com segurança ficou vivendo na casa de um romano chamado Aulo Plaucio, que tinha sido o governador romano em Bretanha desde o ano 46 a 52 d. C, e a quem Cogidubnus tinha prometido fiel serviço. A esposa do Aulo Plaucio era uma dama chamada Pomponia, e sabemos por Tácito que Pomponia tinha sido denunciada perante a justiça romana no ano 57 d. C. por estar "corrupta por uma superstição forânea". Essa "superstição forânea" pôde ter sido nada menos que o cristianismo. Pomponia pôde ter sido cristã, e dela Cláudia, a princesa britânica, pôde ter conhecido a Jesus.

Não podemos dizer que as adivinhações e as deduções da história são certas. Mas seria maravilhoso pensar que esta Cláudia foi em realidade uma princesa britânica, que teve que viver em Roma e que se converteu ao cristianismo, e que Pudente era seu marido.

De modo que Paulo chega no final encomendando a seus amigos à presença do Espírito de seu Senhor e, como sempre, com uma última palavra de graça.